



CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalhos Premiados na 18^a Jornada

Cadernos de Iniciação Científica: Trabalhos premiados na 18^a Jornada

Organização

Ana Pessoa

Aparecida Rangel

Ana Ligia Medeiros

RIO DE JANEIRO

2025

Fundação  Casa de Rui Barbosa

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministra da Cultura
Margareth Menezes

Fundação Casa de Rui Barbosa

Presidente
Alexandre Santini

Diretor Executivo
Ricardo Calmon

Diretor do Centro de Pesquisa
Marcelo Viana

Diretora do Centro de Memória e Informação
Lucia Maria Velloso de Oliveira

Chefe do Setor de Editoração
Benjamin Albagli Neto

Preparação
Piero Kanaan | Tikinet

Revisão
Piero Kanaan | Tikinet

Capa
Nicole de Abreu | Tikinet

Diagramação e Interatividade
Pedro Malta | Tikinet

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C122 Cadernos de Iniciação Científica [recurso eletrônico]: trabalhos premiados na 18ª Jornada / organização Ana Pessoa, Aparecida Rangel, Ana Ligia Medeiros. – Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 2025.
1,91 Mb ; PDF (98 p.) – (Cadernos de Iniciação Científica)

ISBN 978-65-88295-50-2

1. Iniciação científica. I. Pessoa, Ana, *org.* II. Rangel, Aparecida, *org.*
III. Medeiros, Ana Ligia, *org.* IV. Jornada de Iniciação Científica (18. : 2023 :
Rio de Janeiro, RJ).

CDD 001.2

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 18ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatrix Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

Apresentação

A Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), por meio do Centro de Pesquisa e do Centro de Memória e Informação, tem como uma de suas metas incentivar jovens estudantes na arte da pesquisa. Essas pesquisas refletem a diversidade da produção de conhecimento produzida pela instituição, possibilitando atender a estudantes de várias áreas, como história, direito, ciências sociais, políticas culturais, língua portuguesa, literatura, arquivologia, biblioteconomia, preservação, restauração, museologia. São bolsas voltadas tanto para as reflexões teóricas quanto para as ações práticas.

O Programa de Iniciação Científica (PIC) da FCRB, criado em 2005, atende às exigências do Plano de Carreira na Área de Ciência e Tecnologia, no qual a FCRB ingressou em 1997, tendo como objetivo despertar a vocação científica e incentivar talentos potenciais entre estudantes de graduação. Está articulado a outro programa de bolsas da instituição, o Programa Institucional de Produção do Conhecimento Científico e Técnico e Científico na área da Cultura (PIPC), voltado para graduados de diferentes níveis (pós-doutor, doutor, mestre, graduado). O PIC estimula a articulação contínua entre os centros de pesquisa e o centro de memória e informação da instituição e as universidades.

Anualmente são realizadas jornadas com o objetivo de apresentar os resultados dos trabalhos desenvolvidos pelos bolsistas do PIC, sob a supervisão de pesquisadores e tecnologistas da instituição. Essas jornadas visam também atender a um dos requisitos

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 18^a Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para a concessão de bolsas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic).

No ano de 2023, dando continuidade a esta prática bem-sucedida, foi organizada a 18^a Jornada PIC/FCRB, realizada em 28 de setembro, na sala de curso da FCRB. As apresentações foram acompanhadas por um comitê externo, formado por pesquisadores reconhecidos, representando as diversas áreas de conhecimento das bolsas. Nesse ano o comitê foi composto pelos professores Marcus Granato (Museu de Astronomia e Ciências Afins); Jimmy Medeiros (Fundação Getulio Vargas do Rio de Janeiro); e Claudia Gurgel do Amaral (Escola de Ciências Jurídicas – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro).

Esse comitê tem como funções tecer comentários que auxiliem o desenvolvimento das pesquisas, arguir oralmente os estudantes e selecionar os melhores trabalhos apresentados. Cabe ressaltar que o comitê externo foi formado pelos professores que participaram da avaliação inicial dos projetos que embasaram as pesquisas e puderam acompanhar a evolução dos estudos, bem como o desempenho dos bolsistas na elaboração dos trabalhos acadêmicos.

Nessa jornada foram apresentados 19 trabalhos, que refletiram a variada gama de produção de conhecimento na instituição. A programação da jornada, bem como os resumos dos trabalhos encontram-se disponíveis, em versão digital, no *site* da Fundação Casa de Rui Barbosa – Anais da 18^a Jornada de IC da FCRB. Foram, então, selecionados quatro trabalhos que temos a honra de apresentar nesta edição.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

A pesquisa “O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX”, de Beatriz Ferreira Ponte, sob a orientação de Ana Pessoa, nos mostra as formas de habitação da elite oitocentista em Petrópolis e a representação social no século XIX. A bolsista Iasmin Ferraz de Farias, sob a orientação de Aparecida Rangel, apresentou a “Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade”, voltada para a análise da visitação ao Museu Casa de Rui Barbosa. Já Joana Sousa Lira, no projeto “Divulgação em culturas – AMLB”, sob a orientação de Rosangela Rangel, traz a trajetória dos cinquenta anos do Arquivo Museu de Literatura Brasileira na defesa dos arquivos pessoais de escritores brasileiros. Por último, João Victor Constantino Siqueira, com a orientação de Laura do Carmo, no estudo “Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913”, tece considerações em torno do texto lexicográfico como uma forma discursiva, ligada a uma formação ideológica, que determina o que pode e deve ser dito.

Agradecemos ao comitê institucional, à época coordenado pela doutora Bianca Therezinha Panisset, e integrado pelo prof. dr. Edmar Gonçalves e pela profa. dra. Lia Calabre, pela dedicação e rigor com os quais foram conduzidos os trabalhos.

Não poderíamos finalizar sem exaltar a qualidade de todos os estudos apresentados, bem como ressaltar a contribuição dos bolsistas para as pesquisas realizadas pela instituição.

Comitê institucional 2024:

Ana Pessoa
Aparecida Rangel
Ana Ligia Medeiros

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte¹

1. Introdução

As obras mais ambiciosas da arquitetura civil colonial foram as casas de câmara, as residências dos governadores e bispos, as casas rurais ou solares das famílias patrícias e as casas-grandes de engenhos e fazendas.²

O projeto “A Casa Senhorial no Brasil: casas rurais e urbanas do ciclo do café”, orientado pela arquiteta e pesquisadora Ana Pessoa (FCRB), investiga as formas de habitação da elite oitocentista em Petrópolis e a representação social no século XIX. Para a realização da pesquisa, são analisadas residências urbanas e rurais, levando em consideração os aspectos arquitetônicos, decorativos, históricos e sociais do período, que resultam em estudos de caso e fichas técnicas, divulgadas no site acasadensehorial.org. No período da minha participação, o projeto estava voltado para as casas de Petrópolis, entre as quais temos o objeto deste trabalho, o palácio da princesa Isabel.

¹ Graduanda no Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na Fundação Casa de Rui Barbosa, vinculada ao projeto “A Casa Senhorial no Brasil: casas rurais e urbanas do ciclo do café”, orientado por Ana Pessoa. Contato: beatrizferreiraponte@gmail.com.

² BURY, John; DE OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro. *Arquitetura e arte no Brasil colonial*. Monumenta/Iphan, 2006. p. 195.



Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

Figura 1: Página do palácio da princesa Isabel, em Petrópolis, site A Casa Senhorial

The screenshot shows the website's header with 'A CASA SENHORIAL' and 'PORTUGAL, BRASIL & GOA - ANATOMIA DOS INTERIORES'. It includes language links 'PT' and 'EN', and a search bar 'BUSCA GERAL'. The main navigation menu includes 'INÍCIO', 'CASAS SENHORIAIS', 'FONTE DOCUMENTAIS', 'CASOS DE ESTUDO' (highlighted in blue), 'ARTIGOS', 'GLOSSÁRIO', 'ARTISTAS', and 'O PROJETO'. Below this, a sub-menu for 'CASOS DE ESTUDO' lists the 'Palácio da Princesa Isabel - Petrópolis'. A table provides basic information: País (Brasil), Século (XIX), and Enquadramento Urbano e Paisagístico. The text describes the palace's location and historical context. To the right, a series of images show the building's exterior and surrounding landscape.

Fonte: A Casa Senhorial³

Este artigo é dedicado a analisar a influência da arte e da política na arquitetura do século XIX, em especial, a do palácio da princesa Isabel em Petrópolis, Rio de Janeiro. Dessa forma, defendemos a hipótese de que a arquitetura do palácio nos permite identificar o período de construção e habitação do imóvel, assim como o paisagismo reflete o contexto político e o engajamento dos moradores da residência nesse cenário.

Inicialmente apresentamos as informações gerais sobre o imóvel, como: a localização, a cronologia de aquisição, as obras de melhorias e algumas das visitas ilustres. Em seguida, identificamos a influência do neoclassicismo na arquitetura. Depois, a relação do

³ PESSOA, Ana; REZENDE, Clara Albani. Palácio da princesa Isabel - Petrópolis. *A Casa Senhorial: Portugal, Brasil e Goa - Anatomia de Interiores*, [s. l.], 2023. Disponível em: <http://acasadensenhorial.org/acs/index.php/pt/casos-de-estudo/casosdeestudo/740-palacio-da-princesa-isabel>. Acesso em: 20 mar. 2024.

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

paisagismo com o Movimento Abolicionista da cidade de Petrópolis do século XIX. Encerramos com algumas considerações sobre a pesquisa.

Portanto, a partir do estudo de caso sobre o palácio da princesa Isabel⁴ presente no site A Casa Senhorial: Portugal, Brasil e Goa – Anatomia de Interiores, apresentamos o contexto histórico da construção, assim como os elementos arquitetônicos e paisagísticos. Para tal, utilizamos fotografias que integram o acervo do Arquivo Central/Iphan, o DAMI/Museu Imperial e a Brasiliana Fotográfica/Biblioteca Nacional, que ilustram o palácio no século XIX, e também registros atuais obtidos durante a visita de campo realizada.

Figura 2: Palácio da princesa Isabel, quando ainda pertencia ao barão de Pilar, 1856



Fonte: Revert H. Klumb, Instituto Moreira Salles.⁵

⁴ PESSOA, Ana; REZENDE, Clara Albani. Palácio da princesa Isabel - Petrópolis. *A Casa Senhorial: Portugal, Brasil e Goa - Anatomia de Interiores*, [s. l.], 2023. Disponível em: <http://acasadenshorial.org/acs/index.php/pt/casos-de-estudo/casosdeestudo/740-palacio-da-princesa-isabel>. Acesso em: 20 mar. 2024.

⁵ Disponível em: <https://acervos.ims.com.br/portals/#/detailpage/16678>. Acesso em: 21 out. 2024.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalhos Premiados na 18^a Jornada

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatrix Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bourbon e Bragança, ou princesa Isabel, nascida em julho de 1846, filha do imperador d. Pedro II e da imperatriz dona Teresa Cristina, tornou-se a primeira na linha de sucessão ao trono em decorrência da morte prematura dos dois irmãos. Durante as viagens de d. Pedro II ao exterior, a princesa atuou como regente do império, tendo como principais realizações a assinatura da Lei do Ventre Livre, em 28 de setembro de 1871, que considerava livres os filhos de escravizados nascidos a partir dessa data, e da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, essa que, em teoria, expedia a libertação dos escravizados. Em 1889, com a Proclamação da República, a família foi banida do Brasil, sendo exilada em Portugal. O exílio da princesa Isabel, a partir de então apenas condessa D'Eu, foi vivido na França, onde permaneceu até o falecimento em novembro de 1921.

O palácio foi resultado da junção entre duas casas, sendo a primeira construída entre os anos de 1849-1857, presente no lote adquirido por José Pedro da Mota Sayão (barão do Pilar).⁶ A casa foi alugada pela família em 1874, depois comprada no ano de 1876. Foram realizadas obras para melhorias e ampliação, como a adição de duas janelas, todavia, a estrutura primitiva não recebeu maiores alterações.

Está localizada em um dos principais logradouros da cidade de Petrópolis, entre a rua Treze de Maio e a avenida Koeler, próxima ao rio Quitandinha e vizinha de importantes edifícios da cidade. Serviu de residência para a princesa Isabel, o conde D'Eu e os filhos nos períodos de vilaçatura, entre os anos de 1874-1889, isto é, até o momento em que partem para o exílio na Europa.

⁶ PESSOA, Ana; REZENDE, Clara Albani. Palácio da princesa Isabel - Petrópolis. *A Casa Senhorial: Portugal, Brasil e Goa - Anatomia de Interiores*, [s. l.], 2023. Disponível em: <http://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/casos-de-estudo/casosdeestudo/740-palacio-da-princesa-isabel>. Acesso em: 20 mar. 2024.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalhos Premiados na 18ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

Nos anos seguintes, o imóvel teve diferentes usos, tendo sido alugado por ministros e embaixadores, ao Ginásio Petropolitano (1918-1932), ao Liceu Fluminense (1933) e ao Colégio São José (1950-1951). Houve, ainda, um incêndio nas cocheiras, que destruiu parte da mobília da família que estava lá armazenada. Atualmente, o espaço promove exposições temporárias de caráter privado.

Duas fotografias da coleção familiar ilustram a ocupação pela princesa Isabel e o conde D'Eu: o casal em uma carroagem na frente do palácio e a princesa Isabel, com duas grandes amigas, a baronesa de Muritiba e a baronesa de Loreto na varanda da residência; a primeira, Maria José Velho de Avellar, era filha do visconde de Ubá, importante cafeicultor no Vale do Paraíba, e a segunda, Maria Amanda Lustosa Paranaguá, sua dama de companhia que acompanhou a família imperial no exílio.

Figura 3: Princesa Isabel e do conde D'Eu em uma carroagem em frente ao palácio da princesa em Petrópolis, s/d



Fonte: Revert H. Klumb. Fundação Biblioteca Nacional, Brasil⁷

⁷ Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/617>. Acesso em: 21 out. 2024.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em
Petrópolis/RJ: uma análise sobre
influências artísticas e políticas na
arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo
com a sociedade

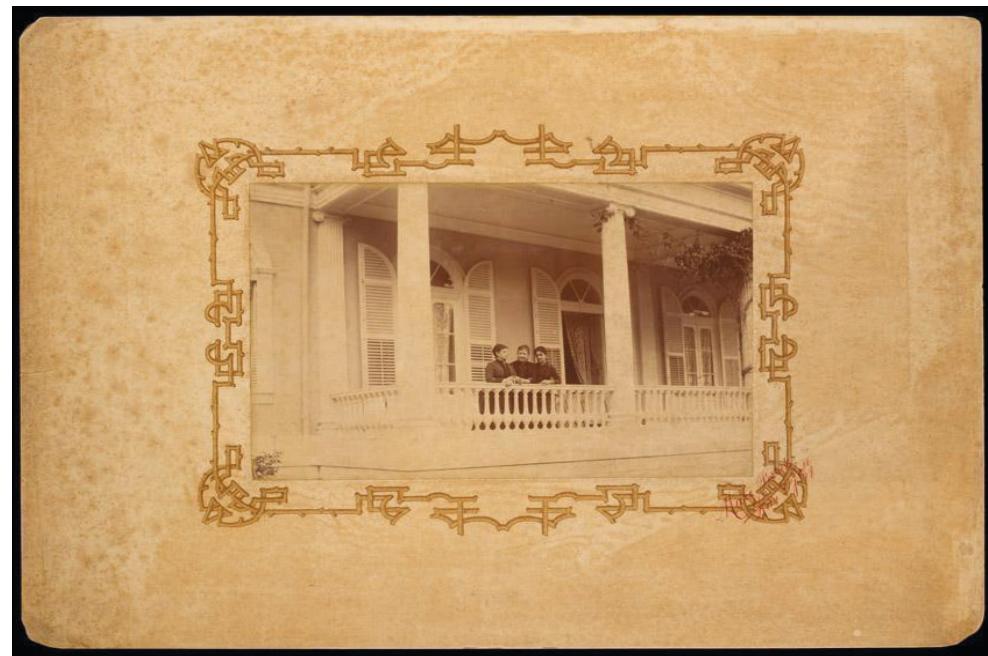
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções
de *sertão* e *sertanejo* em dicionários
publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

Figura 4: Princesa Isabel com as baronesas de Muritiba e de Loreto, na varanda da residência da princesa, em Petrópolis, 1885.



Fonte: Marc Ferrez, Fundação Biblioteca Nacional, Brasil⁸

Além de ter sido palco de importantes movimentações políticas na cidade de Petrópolis do século XIX, a residência também serviu de pano de fundo para a emblemática fotografia da família imperial, sendo um dos seus últimos registros em solo brasileiro, portanto, anteriores ao exílio.

⁸ Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/52>. Acesso em: 21 out. 2024.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

Figura 5: Família imperial no palácio da princesa Isabel em Petrópolis



Fonte: Otto Hees. Museu Imperial/Ibram/MinC⁹

A construção nos oferece referências sobre o cenário artístico e político do Brasil no século XIX, por exemplo, os elementos decorativos da fachada do palácio que remetem à expressão do neoclassicismo na arquitetura, assim como a presença de pés de camélia no jardim, nas cores rosa, branco e mesclado, correspondentes ao símbolo do movimento abolicionista do período.

⁹ ARGON, Maria de Fátima Moraes (org.). Text of Pedro Karp Vasquez. *Família Imperial – Álbum de retratos*. Petrópolis: Museu Imperial, 2002 (CD-ROM).

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatrix Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

3. A influência do neoclassicismo na arquitetura do palácio

O neoclassicismo foi um movimento artístico e cultural que surgiu na Europa, em meados do século XVIII, com o intuito de resgatar os valores da antiguidade greco-romana. No Brasil observamos a recepção inicial na literatura, tendo como principais nomes os poetas da arcádia mineira: Alvarenga Peixoto, Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga. Na arquitetura, esteve presente por intermédio dos engenheiros e arquitetos portugueses e se tornou presente na formação dos jovens artistas e arquitetos da Academia de Belas Artes, especial por intermédio do arquiteto Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny (1776 -1850).

Após a vinda de d. João VI, o Rio de Janeiro tornou-se a “capital” do império. Com o intuito de melhorar as condições de urbanidade, o príncipe decide promover obras e reformas, tendo o neoclássico como tendência dominante na arquitetura do Rio de Janeiro. A partir dessas modificações, podemos entender o seu avanço em algumas frentes: a arquitetura clássica deveria trazer conforto para a monarquia, ao mesmo que expusesse a sua representação; os ornamentos urbanísticos visavam impor uma postura social que reproduzisse o padrão europeu, por fim, resultando na recepção de artistas europeus que contribuíssem com o novo planejamento. Nesse momento, para além da elite, o neoclassicismo adentra as camadas intermediárias da burguesia carioca.¹⁰

¹⁰ ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. Introdução ao neoclassicismo na arquitetura do Rio de Janeiro. In: CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). *Guia da arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalhos Premiados na 18^a Jornada

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatrix Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

[...] O estilo dissemina-se após a chegada da Família Real em 1808 e, principalmente, da Missão Artística Francesa em 1816. Com a criação da Academia Imperial de Belas Artes em 1826, já no Primeiro Reinado, sob direção do arquiteto francês Grandjean de Montigny (1776-1850), o vocabulário classicista assume o papel de arquitetura oficial. Tal como nos países europeus e EUA, '[...] os novos edifícios deveriam transpirar dignidade, imponência, austeridade, verdadeiros símbolos de uma nova forma de poder'. [...] Em paralelo, desenvolve-se um novo modo de morar para as elites: o palacete, inspirado nos pequenos palácios franceses construídos para a burguesia no século XVIII, porém com pequenas adaptações e alterações no tocante às técnicas construtivas e muitas vezes edificadas por meio de reformas de edifícios coloniais. As demais camadas da sociedade aos poucos também vão 'atualizando-se' e as novas posturas urbanísticas interferem nas implantações nos lotes.¹¹

Sobre os elementos que constituem a tendência neoclássica, classificamos alguns dos incidentes presentes nos edifícios, entre eles: as colunas, de ordens dóricas, jônicas, coríntias ou compósitas, que antes do século XVIII restringiam-se aos interiores de igrejas e de claustros franciscanos; as portas e janelas, que nas fachadas respeitam a simetria e repetição do elemento; os frontões, sendo o triangular o campeão das fachadas, formadores de um emblema significativo do monumento, junto dos tímpanos; balaústres; platibandas, entre outros.

¹¹ O neoclássico em sua variável espacial: estudo de três residências no Rio de Janeiro. Cf.: PESSOA, Ana; PEREIRA, Margareth da Silva; KOPPKE, Karolyna. *Gosto neoclássico: atores e práticas artísticas no Brasil no século XIX*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2019.

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

Em Petrópolis, por ser considerada quase a “segunda corte brasileira”, observamos a presença do neoclássico na arquitetura de diferentes construções. Por exemplo, o palácio imperial (Museu Imperial), o palacete do visconde de Silva e barão do Catete (palácio Sérgio Fadel, o qual abriga a prefeitura da cidade), o solar dom Afonso (atual Hotel Solar do Império), assim como o palácio da princesa Isabel.

Entre os elementos que compõem a estética neoclássica, no palácio destacamos:

Figura 6: Fachada do palácio da princesa Isabel em Petrópolis, 2023.



Fonte: A Casa Senhorial¹²

¹² PESSOA, Ana; REZENDE, Clara Albani. Palácio da princesa Isabel - Petrópolis. *A Casa Senhorial: Portugal, Brasil e Goa - Anatomia de Interiores*, [s. l.], 2023. Disponível em: <http://acasadessenhorial.org/acs/index.php/pt/casos-de-estudo/casosdeestudo/740-palacio-da-princesa-isabel>. Acesso em: 20 mar. 2024.

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

- (a) sobriedade da construção e simetria entre os elementos, como portas e janelas;
- (b) na fachada central, colunas de fuste canelado e ordem jônica ligadas por balaústres;

Figura 7: Coluna de fuste canelado e ordem jônica situada na fachada do palácio da princesa Isabel em Petrópolis, 2023.



Fonte: A Casa Senhorial¹³

- (c) frontão triangular e, na área central, o tímpano, o qual comumente apresenta símbolos relacionados à função do imóvel ou aos proprietários da residência. Nesse caso, observamos as letras I (de Isabel, a princesa) e G (de Gastão, esposo da princesa) entrelaçadas;

¹³ *Ibid.*

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em
Petrópolis/RJ: uma análise sobre
influências artísticas e políticas na
arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo
com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções
de *sertão* e *sertanejo* em dicionários
publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

Figura 8: Frontão do palácio da princesa Isabel em Petrópolis, 2023.



Fonte: A Casa Senhorial¹⁴

Figura 9: Fachada lateral do palácio da princesa Isabel em Petrópolis, 2023.



Fonte: A Casa Senhorial¹⁵

¹⁴ PESSOA, Ana; REZENDE, Clara Albani. Palácio da princesa Isabel – Petrópolis. *A Casa Senhorial: Portugal, Brasil e Goa - Anatomia de Interiores*, [s. l.], 2023. Disponível em: <http://acasadensenhorial.org/acs/index.php/pt/casos-de-estudo/casosdeestudo/740-palacio-da-princesa-isabel>. Acesso em: 20 mar. 2024.

¹⁵ *Ibid.*

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

- (d) no entorno dos dois andares, pilastras de fuste liso e de ordem jônica;
- (e) platibanda utilizada para esconder o telhado e conservar a harmonia do imóvel.

Portanto, a partir dos aspectos citados, observamos a presença do neoclássico na arquitetura do palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ. Dessa forma, constatamos que, ainda que não houvesse informações sobre a periodização da residência, seria possível desenvolver a hipótese de que o imóvel foi construído e/ou habitado no século XIX devido à influência do neoclassicismo na arquitetura. Do mesmo modo, o paisagismo do lote carrega representações sobre o contexto político do período e a relação da família com esse cenário.

4. A relação das flores com o movimento abolicionista

No Brasil, o movimento abolicionista foi vinculado a diferentes modalidades de ativismo, seja nas ruas, no parlamento, na resistência dos escravizados ou nas mobilizações realizadas pela elite. Ser abolicionista no Brasil não estava relacionado aos aspectos humanitários ou ao desejo de ampliação do exercício da cidadania, menos ainda, à defesa pela República.¹⁶

Era um abolicionismo de elite. Os membros das associações provinham, na maioria, da elite social: viscondes, barões, ocupantes de bons postos públicos e com acesso aos partidos. Modernizadores — vê-se pela inclusão de senhoras em várias

¹⁶ SILVA, Lucas Ventura da. *Sociabilidade intraelite imperial na Petrópolis abolicionista: estratégias políticas e o “horizonte de expectativa” para o Terceiro Reinado*. Petrópolis: Anuário do Museu Imperial, 2022.

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

associações —, sua cesta de reformas incluía abolição gradual, imigração e pequena propriedade. Homens com um pé na política de dentro, outro na de fora das instituições. Nada de radicalismo, mas mesmo assim perturbadores para um sistema político que houve por bem discutir o fim do tráfico em sessões secretas em 1850. As novas associações começaram a fazer propaganda pública em prol do ventre livre. Arrecadavam doações para alforriar escravas jovens em cerimônias que vinculavam abolição e Independência.¹⁷

A Petrópolis do século XIX foi palco de diversos debates e disputas políticas, por exemplo, as movimentações relacionadas à abolição da escravidão. A partir da bibliografia analisada, constatamos que existiam diferentes movimentos abolicionistas na cidade, sendo um deles a comissão emancipadora, formada por membros da elite que organizavam bailes e eventos com o intuito de angariar fundos para a compra de títulos de liberdade.

A partir desses documentos, principalmente das assinaturas da ata¹⁸, percebemos que a sociedade de corte, o “núcleo duro” da elite social e política estavam presentes. São eles: princesa Isabel, conde d’Eu e seus filhos d. Pedro, d. Luiz e d. Antônio (na época, com sete anos de idade, não sabia escrever e assinou apenas com a inicial de seu nome); ministros plenipotenciários das legações estrangeiras; os mais eminentes integrantes do movimento abolicionista do período, André Rebouças e José do Patrocínio; o presidente do Conselho de Ministros, que viabilizou a

¹⁷ SILVA, Lucas Ventura da. A Petrópolis Abolicionista: as dinâmicas de abolição e de liberdade na cidade imperial (1884-1888). *Democracia e Direitos Humanos: desafios para uma história profissional*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH NACIONAL, 32, 2023, São Luís. *Anais* [...]. ANPUH Nacional, São Luís, 2023.

¹⁸ Ata da solenidade de entrega dos títulos de liberdade aos escravizados da cidade, datada de 1º de abril de 1888.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalhos Premiados na 18ª Jornada

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatrix Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

aprovação da Lei Áurea poucas semanas depois, conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira; o ministro de Negócios do Império, conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Júnior; o ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, que apresentou o projeto da Lei Áurea no Senado e assinou juntamente com a princesa regente, conselheiro Rodrigo Augusto da Silva, entre outros.¹⁹

No quilombo do Leblon, importante espaço de resistência abolicionista no Rio de Janeiro, liderado pelo sr. Seixas (José de Seixas Magalhães), eram cultivadas flores de camélia pelos escravizados fugitivos, conhecidas por “camélias da liberdade” ou “camélias da abolição”, as quais mais tarde se tornariam símbolo do movimento abolicionista.

Naquela época, a *Camellia japonica* era uma planta rara no Brasil, introduzida no Rio de Janeiro havia uns sessenta anos, se tanto. Exatamente como a Liberdade que se pretendia conquistar, a camélia também não era uma flor dessas comuns, naturais da terra e encontradiças soltas na natureza. Era, pelo contrário, uma flor em processo de adaptação, uma flor delicada, estrangeira, cheia de melindres com o sol dos trópicos. [...] Para o cultivo das delicadas camélias, somente um trabalhador livre de todas as amarras.²⁰

As flores eram cultivadas nos jardins das residências e utilizadas como adereço nos vestidos das senhoras, tal qual o famoso retrato da princesa Isabel. A utilização da flor

¹⁹ SILVA, Lucas Ventura da. Flores, Festas e Liberdade: reflexões sobre a experiência abolicionista em Petrópolis. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 31., 2021, Rio de Janeiro. *Anais* [...]. ANPUH Nacional, Rio de Janeiro, 2023. p. 5.

²⁰ SILVA, Eduardo. *As camélias do Leblon e a abolição da escravatura: uma investigação de história cultural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 14.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

funcionava como identificação entre os abolicionistas e auxiliava os fugitivos na procura de apoio e esconderijo.²¹

[...] sempre enviaava ramalhetes de camélias, que lá eram produzidas, à Princesa. As camélias simbolizavam o próprio movimento abolicionista e eram chamadas de ‘camélias da liberdade’. [...] Por meio delas, os adeptos do abolicionismo identificavam-se numa espécie de código secreto. O cultivo da planta nos jardins domésticos, ou mesmo seu uso na lapela do paletó ou vestido, tornou-se confissão de fé abolicionista [...].²²

A partir dos jornais e revistas da época podemos observar os debates sobre a abolição da escravidão em Petrópolis e a relação do movimento com as flores de camélia. A edição nº 6 do *Correio Imperial* vinculou diretamente a Batalha de Flores com a abolição da escravidão na cidade pela primeira vez no dia 26 de janeiro de 1888.²³ Na *Revista Illustrada*, a qual publicava textos satíricos relacionados à política do século XIX, edição nº 496, datada de 5 de maio de 1888, analisamos a recepção da princesa Isabel com flores e a aclamação da população. Abaixo temos as páginas digitalizadas e a transcrição do texto:

²¹ *Ibid.* p. 43.

²² DAIBERT JUNIOR, Robert. *Isabel, a “Redentora” dos Escravos. Uma história da princesa entre olhares negros e brancos (1846-1988)*. São Paulo: Edusc/Fapesp, 2004. p. 122.

²³ ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 7.

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

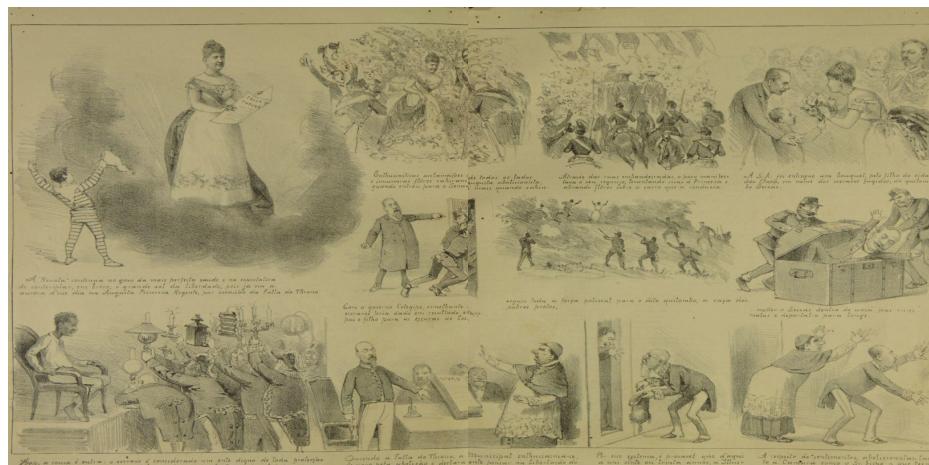
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

Figura 10: Página da edição nº 496 da Revista Illustrada, 1888.



Fonte: *Revista Illustrada* edição nº 496, 5 de maio de 1888. Museu Imperial/Ibram/MinC²⁴

A 'Revista' continua no gozo da mais perfeita saúde e na expectativa de contemplar, em breve, o grande sol da liberdade, pois já viu a aurora d'esse dia na Augusta Princesa Regente, por occasião da Falla do Throno. Enthusiastas acclamações echoavam de todos os lados e innumerous flôres cahiram sobre a augusta abolicionista, quando entrou para o Senado e ainda mais quando sorriu. Através das ruas embandeiradas, o povo manifestava o seu regozijo, levantando vivas á Princesa e atirando flôres sobre o carro que a conduzia. A S.A foi entregue um bouquet, pelo filho do cidadão Clapp, em nome dos escravos fugidos, do quilombo do Seixas. Com o governo Cotegipe, semelhante offerta dos escravos teria dado em resultado entrarem Clapp pai e filho para as escuras do Coelho Bastos; seguir toda a força policial para o dito quilombo, à caça dos pobres pretos, meter o Seixas dentro de umas das escravas e expulsá-las para longe. A revista é editada em Lisboa e considerada uma das mais antigas do Brasil.

²⁴ REVISTA ILLUSTRADA. Ano 13, n. 496. 1888. Museu Imperial/Ibram/MinC.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatrix Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

de uma das suas malas e deporta-lo para longe. Hoje, a coisa é outra: o escravo é considerado um ente digno de toda proteção e para ele devem convergir as luzes da representação nacional, pois a sua liberdade é o principal assumpto de que tratam o governo e o povo. Ouvindo a falla do Throno, a Camara-Municipal entusiasma-se, de novo, pela abolição e declara solemnemente pensar na libertação do Municipio-Neutro. O Sr. bispo será convidado a vir abençoar o livro de ouro, única base do abolicionismo municipal.

Para Silva Jardim, não existia qualquer mérito na atuação de Isabel junto ao movimento abolicionista, visto que, como princesa, ela poderia simplesmente libertá-los.²⁵ É importante destacar que as estratégias utilizadas pela elite não as tornam menos abolicionistas, entretanto, relacionamos o engajamento político dos envolvidos com o desejo de angariar benefícios e/ou notoriedade, seja pelo objetivo da princesa de receber apoio para o Terceiro Reinado, seja pelo intuito da elite de fazer parte da nobreza.²⁶

Para Rui Barbosa a ‘guinada’ abolicionista da princesa, sua ‘evolução’ ou ‘mutação política’ não podia ser entendida como simples questão de generosidade ou liberalidade real. Para ele, a questão era política, tendo a princesa apenas cedido a uma situação de fato criada pelo movimento abolicionista. Juntos, abolicionistas e escravos — principalmente os escravos — forçaram a ‘evolução’ da princesa na direção da abolição imediata e incondicional. Para Rui Barbosa, a

²⁵ SILVA, Eduardo. *As camélias do Leblon e a abolição da escravatura: uma investigação de história cultural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 30.

²⁶ SILVA, Lucas Ventura da. *Sociabilidade inraelite imperial na Petrópolis abolicionista: estratégias políticas e o “horizonte de expectativa” para o Terceiro Reinado*. Petrópolis: Anuário do Museu Imperial, 2022. p. 212.

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatrix Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

atitude firme dos escravos, as fugas em massa e a formação dos quilombos abolicionistas jogam papel verdadeiramente fundamental para a mudança de atitude da princesa.²⁷

Ser nobre no Brasil era algo exclusivo e para poucos, visto que, diferente da Europa onde os títulos nobiliárquicos eram vinculados à linhagem familiar, para ser agraciado era necessário possuir reconhecimento pelas atitudes e feitos, portanto, atrelados ao mérito.²⁸

A aparição da princesa com a camélia causou comoção geral, visto que era de pleno conhecimento a simbologia por trás das flores, o que desagradou parte do público. Entretanto, depois da maior das Batalhas das Flores, no dia 1º de abril de 1888, na entrega dos 103 títulos de liberdade, “o que até então era uma posição de sacrifício, virou uma espécie de coqueluche de moda”.²⁹ Portanto, estar aliado ao movimento abolicionista e engajado nas organizações poderia resultar em notoriedade pública e, possivelmente, no envolvimento com a nobreza.

Por fim, concluímos que, caso não houvesse informações sobre a residência, a partir dos pés de camélia presentes nos jardins do palácio poderíamos desenvolver hipóteses sobre o contexto político do período de habitação do imóvel e a relação dos proprietários

²⁷ SILVA, Eduardo. *As camélias do Leblon e a abolição da escravatura: uma investigação de história cultural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 30.

²⁸ SILVA, Lucas Ventura da. *Sociabilidade intraelite imperial na Petrópolis abolicionista: estratégias políticas e o “horizonte de expectativa” para o Terceiro Reinado*. Petrópolis: Anuário do Museu Imperial, 2022. p. 212.

²⁹ SILVA, Eduardo. *As camélias do Leblon e a abolição da escravatura: uma investigação de história cultural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 41.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalhos Premiados na 18ª Jornada

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

com esse cenário, visto que a camélia, espécie muito cultivada nos jardins oitocentistas, passou a ter uma conotação abolicionista.

5. Considerações finais

Na tentativa de compreensão de um período, faz-se necessário analisar os aspectos sociais, como a economia, a política e/ou as formas de habitação. As casas devem ser interpretadas como um documento, visto que carregam consigo as marcas do tempo.

O objetivo deste trabalho foi analisar a influência da arte e da política na arquitetura do século XIX, em especial, no palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ. A partir dos elementos presentes na fachada, observamos a influência do neoclassicismo na arquitetura do período, assim como as flores, em especial a camélia, que foi identificada como símbolo para o movimento abolicionista em Petrópolis.

O estudo do projeto A Casa Senhorial sobre Petrópolis produziu cerca de 19 páginas no *site* e privilegiou conjuntos residenciais preservados, tais como as fazendas coloniais, como a Fazenda Santo Antônio, Fazenda Samambaia e Padre Correia, palácios reais, como o Palácio Imperial, Palácio Isabel e do Grão Para, chalés e *cottages*, como as casas do barão de Oliveira Castro, da família Tavares Guerra, e de Franklin Sampaio, e palacetes, como o palacete Rio Negro, entre outros. Foram analisados também documentos complementares, como inventários, recibos, pinturas e fotografias que informam sobre residências já muito alteradas ou destruídas, e práticas construtivas e decorativas.

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

A equipe de pesquisadores contou com bolsistas patrocinados pela FCRB e pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) destaca que “é preciso considerar o Patrimônio Cultural como tema transversal, interdisciplinar e/ou transdisciplinar, ato essencial ao processo educativo para potencializar o uso dos espaços públicos e comunitários como espaços formativos”. Portanto, pensando a educação patrimonial, faz-se necessária a promoção de ações voltadas para a compreensão da comunidade local sobre os aspectos relacionados à memória da cidade e, então, serem reconhecidos como sujeitos ativos dessa história, contribuindo para a “valorização da identidade cultural”.³⁰

Por fim, evidenciamos a riqueza histórica e arquitetônica de Petrópolis e enfatizamos a importância da perpetuação do conhecimento sobre a cidade a partir das produções bibliográficas, assim como a disseminação da necessidade de preservação do patrimônio petropolitano.

Fontes

ARGON, Maria de Fátima Moraes (org.). Text of Pedro Karp Vasquez. *Família Imperial - Álbum de retratos*. Petrópolis: Museu Imperial, 2002 (CD-ROM).

³⁰ FERREIRA, Maria das G. Góes, Alexia C. Educação Patrimonial - Palacetes e Casarões do Centro Histórico e Paisagístico da Cidade de Petrópolis - RJ. *Revista Científica das Áreas de História, Letras, Educação e Serviço Social do Centro Universitário de Belo Horizonte*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, 2020. p. 8.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalhos Premiados na 18ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

Fotografia da princesa Isabel com as Baronesas de Muritiba e de Loreto, na varanda da residência da princesa, em Petrópolis, 1885. Fonte: Thereza Christina Maria. Fotógrafo: Marc Ferrez. Custódia: Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/52>. Acesso em: 21 out. 2024.

Fotografia do palácio da princesa Isabel, quando ainda pertencia ao Barão de Pilar. Coleção: Gilberto Ferrez. Fotógrafo: Revert Henrique Klumb. Ano: 1865. Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://acervos.ims.com.br/portals/#/detailpage/16678>. Acesso em: 21 out. 2024.

Retrato da princesa e o conde d'Eu em uma carruagem em frente ao palácio onde aparecem duas mulheres na varanda. Fonte: Thereza Christina Maria. Fotógrafo: Revert Henrique Klumb. Crédito: Brasiliana Fotográfica. S/data. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/617>. Acesso em: 21 out. 2024.

Referências

BURY, John; DE OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro. *Arquitetura e arte no Brasil colonial*. Brasília, DF: Monumenta/Iphan, 2006.

ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALONSO, Angela. *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

DAIBERT JUNIOR, Robert. *Isabel, a “Redentora” dos escravos: uma história da Princesa entre olhares negros e brancos (1846-1988)*. São Paulo: Edusc: Fapesp, 2004.

FERREIRA, Maria das G. Góes, Alexia C. Educação Patrimonial - Palacetes e Casarões do Centro Histórico e Paisagístico da Cidade de Petrópolis - RJ. *e-hum: revista científica das áreas de humanidades*, Belo Horizonte: Centro Universitário de Belo Horizonte, v. 13, n. 2, ago.-dez. 2020.

PESSOA, Ana; REZENDE, Clara Albani. Palácio da princesa Isabel - Petrópolis. *A Casa Senhorial: Portugal, Brasil e Goa - Anatomia de Interiores*, [s. l.], 2023. Disponível em: <http://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/casos-de-estudo/casosdeestudo/740-palacio-da-princesa-isabel>. Acesso em: 20 mar. 2024.

PESSOA, Ana; PEREIRA, Margareth da Silva; KOPPKE, Karolyna. *Gosto neoclássico: atores e práticas artísticas no Brasil no século XIX*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2019.

REVISTA ILLUSTRADA. Ano 13, n. 496. 1888. Museu Imperial/Ibram/MinC.

ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. Introdução ao neoclassicismo na arquitetura do Rio de Janeiro. In: CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). *Guia da arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

SILVA, Eduardo. *As camélias do Leblon e a abolição da escravatura: uma investigação de história cultural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalhos Premiados na 18^a Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em
Petrópolis/RJ: uma análise sobre
influências artísticas e políticas na
arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo
com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções
de *sertão* e *sertanejo* em dicionários
publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

SILVA, Lucas Ventura da. A Petrópolis Abolicionista: as dinâmicas de abolição e de liberdade na cidade imperial (1884-1888). *Democracia e Direitos Humanos: desafios para uma história profissional*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - ANPUH NACIONAL, 32, 2023, São Luís. *Anais* [...]. ANPUH Nacional, São Luís, 2023.

SILVA, Lucas Ventura da. Flores, Festas e Liberdade: reflexões sobre a experiência abolicionista em Petrópolis. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 31., 2021, Rio de Janeiro. *Anais* [...]. ANPUH Nacional, Rio de Janeiro, 2023.

SILVA, Lucas Ventura da. *Movimentando a abolição: sociabilidades, emancipação e liberdade na Petrópolis imperial*. 2023. 155f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2023.

SILVA, Lucas Ventura da. *Sociabilidade intraelite imperial na Petrópolis abolicionista: estratégias políticas e o “horizonte de expectativa” para o Terceiro Reinado*. Petrópolis: Anuário do Museu Imperial, 2022.

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

Casa de Rui Barbosa, museu e jardim: a construção do diálogo com a sociedade

Iasmim Ferraz de Farias^{31*}

Aparecida Marina de Souza Rangel^{**}

Este artigo aborda uma etapa da pesquisa desenvolvida no âmbito do projeto “Perfil opinião: uma análise sobre a experiência de visitação ao Museu Casa de Rui Barbosa”, no período de novembro de 2022 a novembro de 2023.

Em primeiro lugar, é importante apresentar um panorama do espaço em que se estabeleceu a pesquisa para compreender sua abrangência e objetivos. Embora seja possível vislumbrar muitos temas ao mencionarmos a Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), tendo em vista as diferentes áreas do conhecimento presentes em sua atuação, o foco desse projeto foi o Museu Casa de Rui Barbosa, que também abarca o Jardim Histórico. Sendo mais específica, o estudo que desenvolvi tinha como recorte o público espontâneo, ou seja, aquele que chega à instituição por motivações próprias. Localizado no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, em um imponente casarão rosa, em estilo

³¹ * Graduanda em Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), foi bolsista no período de novembro de 2022 a agosto de 2023 do Programa de Iniciação Científica (PIC) da Fundação Casa de Rui Barbosa, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Projeto “Perfil opinião: uma análise sobre a experiência de visitação ao MCRB, coordenado pela Profa. Dra. Aparecida Marina de Souza Rangel.

Email para contato: iferrazdefarias@gmail.com.

^{**} Orientadora da pesquisa. Museóloga, mestre em Memória Social e Documento, doutora em Ciências Sociais. Tecnologista da Fundação Casa de Rui Barbosa, em atuação no Museu Casa de Rui Barbosa desde 2002. Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos da FCRB.

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

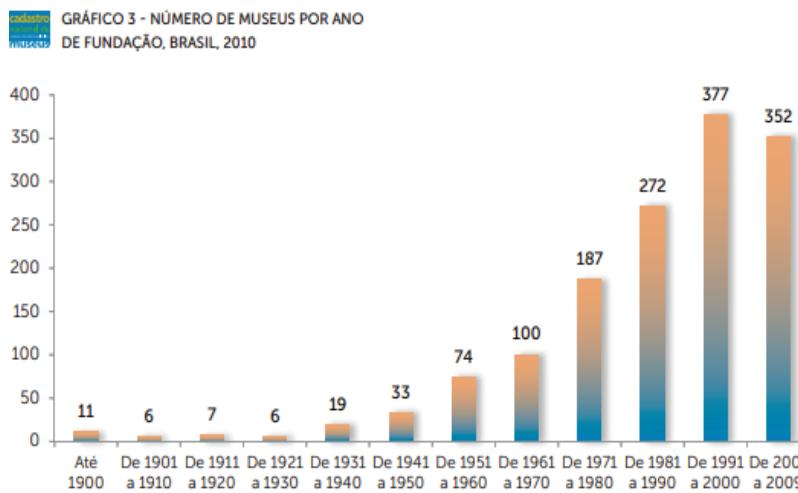
Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

ecléctico, construído em 1850, como está registrado na parte superior da fachada frontal, esse museu está na categoria museu-casa por ter sido uma residência com diferentes ciclos até sua venda ao Governo Federal, ocorrida em 1924, após a morte do último proprietário, o jurista Rui Barbosa. O famoso personagem, patrono da instituição, viveu com sua família nesse local por 28 anos, impregnando uma aura de templo do saber, de certa forma, materializada na maior sala da casa, onde até hoje se encontra instalada a magnífica biblioteca.

A residência, juntamente com seu jardim, foi aberta ao público em 1930, sendo considerado o primeiro museu-casa público do país, fato bastante simbólico no contexto museal, sobretudo, porque até este ano o número de museus em nosso país era bastante reduzido, como atesta o estudo “Museus em Números”:

Figura 1. Quantitativo de museus criado por década



Fonte: Museus em números, Ibram. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/museus_em_numeros_volume1.pdf

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

A casa e o jardim são espaços de memória, são documentos de uma época, mediadores por excelência do público com os personagens que ali viveram, com as histórias que chegaram até nós pelos livros e relatos de familiares e amigos. O jardim é muito mais do que uma reunião de lindas e perfumadas espécies, ele é mais um elemento de conexão com os antigos moradores, como afirma Claudia Reis:

A gênese do amor pela natureza e pelas plantas em Rui Barbosa importa pelo peso que teve na história deste jardim que agora estudamos. Então, é segundo o relato de Carlos Viana Bandeira que descobrimos que “Rui era louco pelas flores [...] Os filhos de Maria Adélia e Batista Pereira, lembram do avô “já velhinho” percorrendo o parque e, examinando cada roseira e podando, tendo sempre Maria Augusta ao seu lado.³²

Uma visita ao museu e ao jardim proporciona uma experiência cultural bastante singular, causando encantamento em todos, independentemente da faixa etária. A decoração dos ambientes, a arquitetura, os elementos integrados, as viaturas expostas na garagem, a flora, alguns animais presentes no jardim como peixes, pássaros e micos, os cheiros, os sons, enfim, por todos os lados o visitante recebe estímulos visuais despertando sua curiosidade, atenção e emoção. Mas, quem são essas pessoas? O que esperam encontrar? Quais são suas demandas? E as críticas? Como aperfeiçoar os serviços que são oferecidos? Precisamos ativar nossa escuta para compreender esse público.

³² REIS, Cláudia Barbosa. *Memórias de um Jardim*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011. p. 32-34.

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatrix Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

A partir dessa ambientação pode-se prosseguir a pesquisa que possuiu como objetivo desenvolver um estudo de público a partir da coleta de dados relativos ao perfil-opinião do público do Museu Casa de Rui Barbosa, incluindo os usuários do Jardim Histórico. Ressaltamos que os estudos de público, como afirmam Macedo e Oliveira, devem ser pensados como instrumento de grande relevância em planejamento e gestão, não somente para os espaços museais, mas também para o lazer e o turismo, apontando reflexões sobre avanços e retrocessos.³³ O clássico estudo de Pierre Bourdieu e Alain Darbel, intitulado “O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público”, publicado na década de 1960, nos dá a dimensão da relevância desse campo. Eles analisaram quase dez mil questionários aplicados em museus da Espanha, França, Grécia, Holanda e Polônia, constando

[...] algo aparentemente paradoxal: os museus estão abertos a todos, mas não são visitados pela maioria das pessoas. A pesquisa revela que a frequência aos museus aumenta consideravelmente à medida que o nível de instrução é mais elevado e corresponde a um modo de ser das ‘classes cultas’.³⁴

Embora a pesquisa citada tenha sido realizada há, aproximadamente, setenta anos, muitos dados analisados ainda persistem nos dias atuais, e percebemos que a maioria dos visitantes dos museus são brancos, de classe média e de alto grau de escolaridade.

³³ MACEDO, Luis de Souza Lima; OLIVEIRA, Ana Paula. Museus para quem? interações entre perfil de público, lazer e turismo. *Licere*, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 315-342, 2022.

³⁴ RIDENTI, Marcelo. O mito do gosto inato. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 2003. Jornal das Resenhas. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs1110200304.htm>. Acesso em: 29 fev. 2024.

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

Os dados provenientes do Observatório de Museu e Centros Culturais, coletados em pesquisa coletiva com onze museus do Rio de Janeiro, em 2005, reforçam essa premissa:

Figura 2. Gráfico do Observatório de Museus e Centros Culturais, 2005

TABELA 12 Distribuição percentual dos visitantes, por nível de escolaridade, segundo os museus considerados no estudo

Museus	Nível de escolaridade			
	Até o fundamental completo	Ensino médio	Superior incompleto	Superior em diante
PNAD 2004 - RM/RJ	31,2%	45,7%	5,7%	17,4%
Museu da Vida	4,6%	28,7%	26,4%	40,2%
Museu de Astronomia e Ciências Afins	5,7%	24,9%	32,5%	36,8%
Museu do Índio	3,2%	34,7%	25,3%	36,8%
Museu Casa de Rui Barbosa	5,8%	21,3%	23,2%	49,7%
Museu do Universo — Planetário da Cidade	4,7%	12,1%	21,8%	61,3%
Museu Nacional	4,6%	26,7%	21,5%	47,2%
Museu do Primeiro Reinado	5,6%	28,8%	16,9%	48,6%
Museu Antônio Parreira	0,6%	18,4%	26,6%	54,4%
Museu de Arte Contemporânea de Niterói	2,6%	15,4%	24,7%	57,3%
Museu Aeroespacial	6,6%	42,7%	17,9%	32,9%
Museu Histórico Nacional	5,5%	17,7%	25,3%	51,5%
Total	4,8%	24,0%	23,7%	47,5%

Fonte: *Pesquisa Perfil-Opinião 2005, OMCC*

Fonte: Disponível em https://www.fiocruz.br/omcc/media/5_relatorio_museu.pdf

Poderíamos cruzar essa informação com outra analisada na mesma publicação sobre a distribuição dos equipamentos culturais existentes em nossa cidade, onde percebemos a concentração em algumas regiões e o quase vazio em outras, conforme imagem abaixo:

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

Figura 3. Gráfico do Observatório de Museus e Centros Culturais, 2005

TABELA 1

Quantidade de museus, centros culturais, teatros, cinemas e bibliotecas na cidade do Rio de Janeiro, por área

Regiões	Equipamentos culturais				
	Museus	Centros culturais	Teatros	Cinemas	Bibliotecas
Centro, Zona Sul e Tijuca	59	57	92	55	64
Leopoldina, Madureira, Méier e Ilha	8	4	9	22	10
Jacarepaguá e Cidade de Deus	0	1	0	0	1
Barra da Tijuca	1	0	4	37	0
Campo Grande, Santa Cruz, Bangu e Guaratiba	0	5	2	4	4
Total	68	67	107	118	79

Fonte: Levantamento de Eliomar Coelho com base em dados do Instituto Pereira Passos, 2003

Fonte: Disponível em https://www.fiocruz.br/omcc/media/5_relatorio_museu.pdf

Luciana Sepúlveda, idealizadora do Observatório de Museus e Centros Culturais (OMCC), avalia que os estudos de público são “processos de obtenção de conhecimento sistemático sobre os visitantes de museus, atuais ou potenciais”, isto porque a partir desses dados podemos traçar o perfil tanto daqueles que estão na instituição quanto daqueles que não frequentam, denominados “não-público” ou mesmo o “público-potencial”, que possui as condições ideais seja pela proximidade geográfica ou outras características, mas, ainda assim, não visitam os museus.³⁵

³⁵ KOPTCKE, Luciana. *Público, o X da questão? A construção de uma agenda da pesquisa sobre os estudos de público no Brasil*. Brasília, DF: Editora UnB, 2012

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

1. A pesquisa em curso

O estudo que está sendo desenvolvido no Museu Casa de Rui Barbosa não se configura como novidade, tendo em vista que em outros momentos pesquisas de público foram aplicadas, mas o que estamos pretendendo é sistematizar este trabalho para que possamos realizar, inclusive, pesquisas comparativas, o que, até o momento, não foi possível, em função das muitas intercorrências. Para a pesquisa em curso, iniciada em novembro de 2022, adotamos como metodologia o uso de questionários em duas modalidades: autoaplicado para o público do museu e entrevista para o público do jardim. Vale ressaltar que a aplicação do questionário é uma etapa das muitas que compõem esse trabalho, como a elaboração da ferramenta, a testagem, a aplicação propriamente dita, a tabulação dos dados e a análise. Além disso, o embasamento teórico é denso, demandando a interlocução com várias áreas do conhecimento. Em última instância podemos afirmar que o estudo de público é uma ferramenta fundamental para estabelecer um canal de diálogo com os diferentes segmentos de público que frequentam o museu. Nessa perspectiva, vem sendo uma aliada das equipes no momento do planejamento das ações. Tendo em vista as muitas variáveis possíveis de análise, destacamos algumas para discutir neste artigo, tais como: localidade, escolaridade e gênero.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalhos Premiados na 18^a Jornada

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

Embora o jardim seja parte do Museu, vamos verificar que os públicos são distintos e, portanto, suas percepções também. Encontramos muitos visitantes que frequentam o jardim sem interesse em entrar no museu por variadas razões; em outros casos, pessoas que estão no museu e apenas “passam” pelo jardim.

Cabe destacar que o museu não possui uma equipe exclusiva para a pesquisa de público, contando apenas com uma bolsista e a orientadora da pesquisa, fato que limita a aplicação e, consequentemente, o número de respostas. Em quase três meses de coleta de dados,³⁶ obtivemos 195 questionários autoaplicados no museu, enquanto no jardim foram realizadas 95 entrevistas. Em ambos a aplicação de questionários ocorreu entre janeiro e abril de 2023, em alguns dias no turno da manhã e, em outros, no turno da tarde. Para a produção dos gráficos, contamos com o programa Excel e a plataforma Google Forms.

Sobre a variável localidade, é possível perceber, quando comparamos com o estudo realizado em 1994, pela geógrafa, e então servidora do Museu Casa de Rui Barbosa, Maria do Perpétuo Socorro Rocha, que a maioria dos visitantes do Jardim Histórico reside na zona sul, da cidade do Rio de Janeiro. Esse dado é importante para ser debatido, não apenas por ser onde é localizado o espaço, mas principalmente a questão da preocupação com a estagnação do mesmo segmento de público em quase três décadas.

³⁶ Vale ressaltar que a aplicação não foi realizada todos os dias, pois o museu não abre às segundas-feiras, e, temporariamente, está fechado nos fins de semana.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

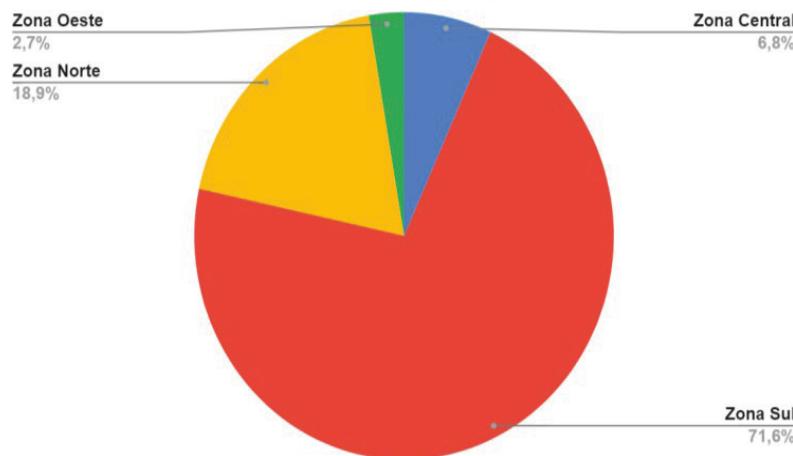
O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmim Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

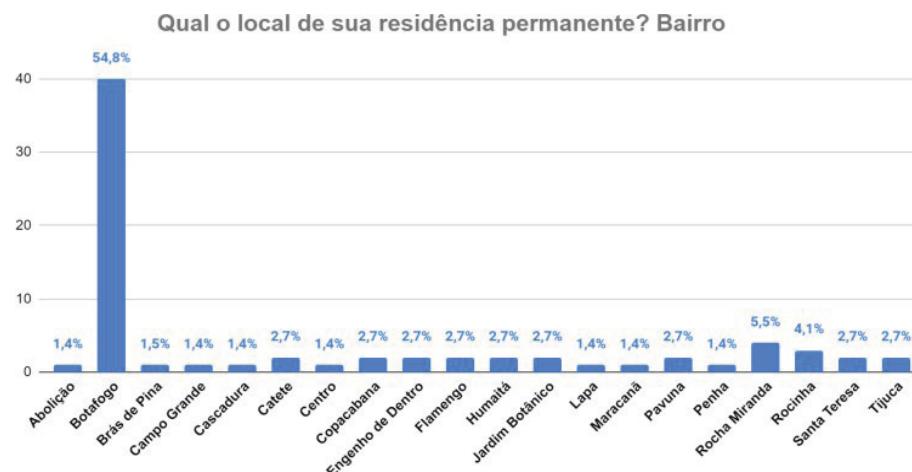
Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

Figura 4: Qual o local da sua residência permanente? (Jardim Histórico)



Fonte: Compilação de Iasmim Ferraz de Farias, 2023

Figura 5: Bairros da residência permanente dos visitantes entrevistados



Fonte: Compilação de Iasmim Ferraz de Farias, 2023

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

Os dois gráficos reforçam as pesquisas anteriores, não apenas as realizadas no Museu Casa de Rui Barbosa, mas as de outras instituições e sistemas como o OMCC que mencionamos anteriormente, ou seja, a maioria dos visitantes ainda são da zona sul, região que possui mais oferta de equipamentos culturais. Diante dessa constatação, deparamos a indagação do motivo de estar ocorrendo essa repetição de um grupo visitante do Jardim Histórico, moradores da zona sul, em específico o bairro onde se localiza a instituição. Uma pergunta que mesmo estando longe de obter um resultado tangível, pode-se chegar a algumas características observadas e comprovadas diante da pesquisa.

Muitos dos entrevistados se referem ao Jardim Histórico como o “quintal de casa”, relatando que frequentam o lugar desde quando eram crianças, e atualmente levam seus filhos, criando, assim, uma relação de memória afetiva com o lugar. Porém, é importante debater sobre essa temática ao percebermos a ausência de visitantes de outras localidades da cidade do Rio de Janeiro. Há uma questão social a ser enfrentada pela instituição, sendo necessário estabelecer estratégias para atração de outros públicos.

Alguns estudiosos do tema chamam a atenção para as dificuldades enfrentadas por muitos segmentos da população para acessar os equipamentos culturais, que envolvem não apenas o custo do ingresso como outros associados, tais como transporte e alimentação.³⁷ É possível, ainda, evidenciar a longa jornada do trajeto que se leva até a chegada ao local,

³⁷ DAHMOUCHE, Mônica Santos *et al.* Agora são elas: a presença das mulheres no público de museus de ciência do Rio de Janeiro. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 29, e-125255, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/emquestao/a/8Zq539cd7q5Wf7bXMMknHpM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 out. 2024.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmim Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

muitas vezes, em transportes públicos em condições precárias, desestimulando os passeios em família.

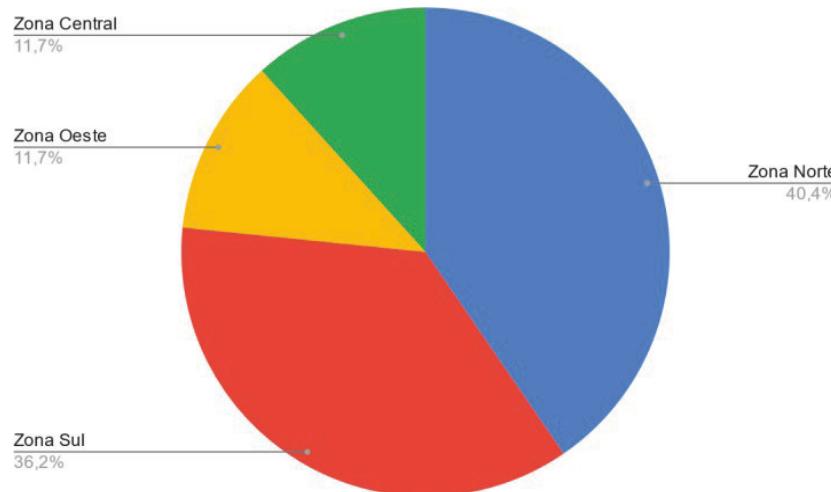
Quanto ao museu, pode-se notar uma alteração em relação à localidade, já que na tabela abaixo, com os dados de pesquisas realizadas entre 1998 e 2000, há uma distância numérica entre os moradores da zona sul e da zona norte.

Ano	1998	1999	2000
Zona Sul	2.725	2.379	1.997
Zona Norte	736	722	660

Tabela 1: Adaptação da pesquisa de 1998

Fonte: Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa

Figura 6: Zona da residência permanente dos visitantes entrevistados do Museu Casa de Rui Barbosa



Fonte: Iasmim Ferraz de Farias, 2023

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 18ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

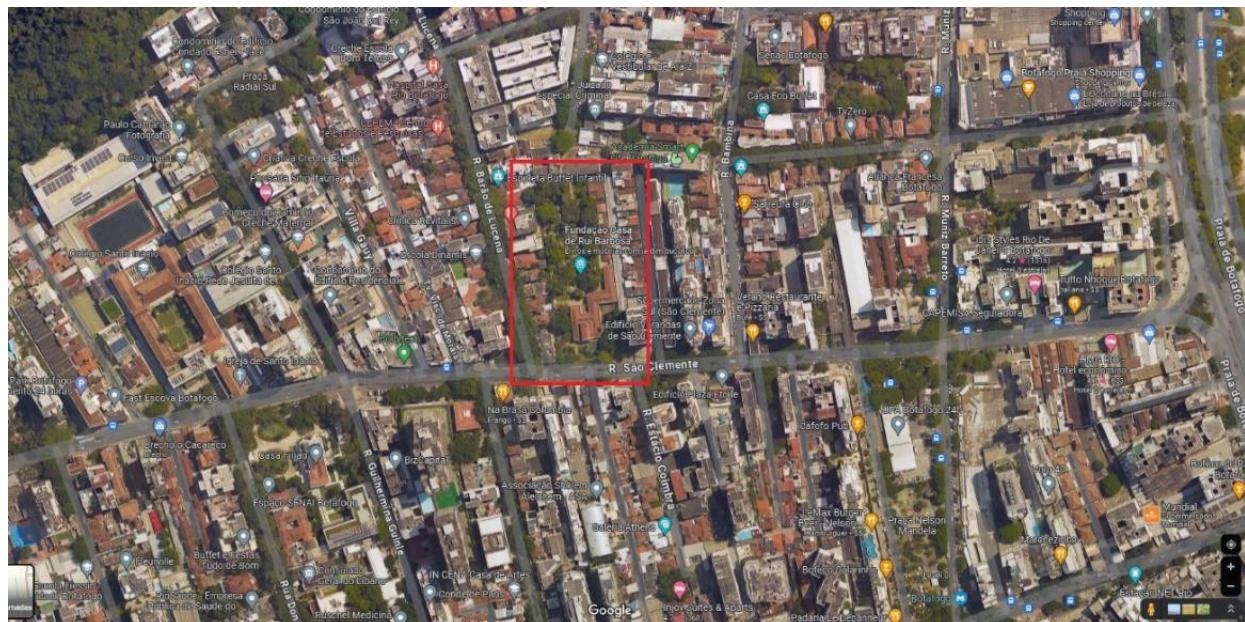
Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

Após a análise dos resultados, é possível perceber que no Museu Casa de Rui Barbosa tivemos um aumento no percentual de moradores da zona norte, ultrapassando os da zona sul.

Sobre a motivação, as respostas corroboram a percepção que temos dos visitantes do jardim que buscam lazer e contato com a natureza num local seguro. Hoje, o jardim histórico da Casa de Rui Barbosa representa, como muitos afirmam, “um oásis” numa selva de pedra. Ao seu redor encontramos muitos prédios e o excesso de concreto, como atesta a imagem abaixo:

Figura 7. Imagem aérea do jardim da Casa de Rui Barbosa, destacado em vermelho



Fonte: Google Maps.

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo
com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

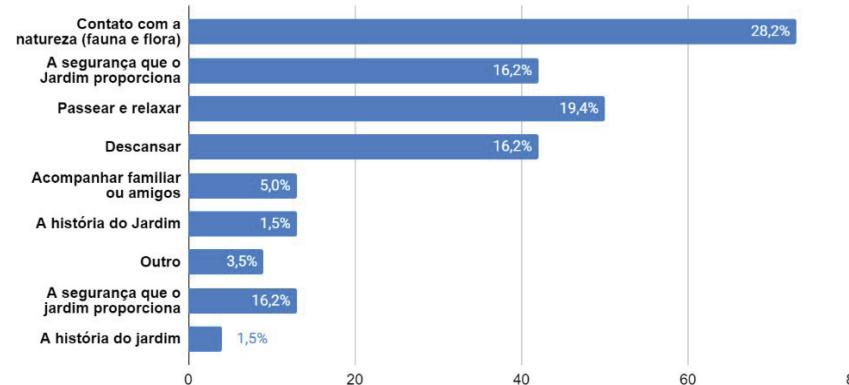
Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções
de *sertão* e *sertanejo* em dicionários
publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

A imagem nos ajuda a entender as respostas obtidas no gráfico a seguir:

Figura 7: Qual é a sua principal motivação para vir até aqui?

Qual a sua principal motivação para vir até aqui



Fonte: Iasmim Ferraz de Farias, 2023

Entretanto, um percentual alto de entrevistados que frequentam diariamente o Jardim Histórico não visitaram o museu, espaço que fica no mesmo terreno, porém ao questionar o motivo disseram que ainda não tiveram oportunidade de efetuar a visita.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

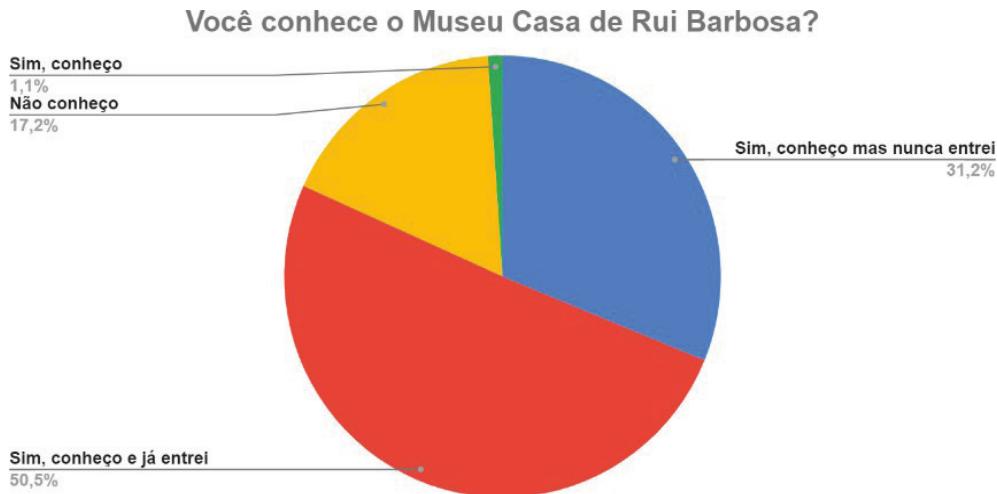
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmim Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

Figura 8: Você conhece o Museu Casa de Rui Barbosa?



Fonte: Iasmim Ferraz de Farias, 2023

A análise dos dados referente ao nível de escolaridade, tanto na pesquisa de 1994 quanto na atual, sinaliza um percentual predominante de alta escolarização, já que na primeira 49,9% possuía Ensino Superior completo e, na mais recente, 27,4% têm Pós-Graduação completa. Cabe destacar que a pesquisa foi elaborada com visitantes maiores de 18 anos.

Ano 1994		
1º grau - Atualmente Fundamental 1 e 2	471 visitantes	25,2%
2º grau – Atualmente o Ensino Médio	447 visitantes	24,0%
3º grau – Atualmente o Nível Superior	933 visitantes	49,9%
Pós-Graduação	18 visitantes	18,09%

Tabela 2: Adaptação da pesquisa de 1994

Fonte: Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

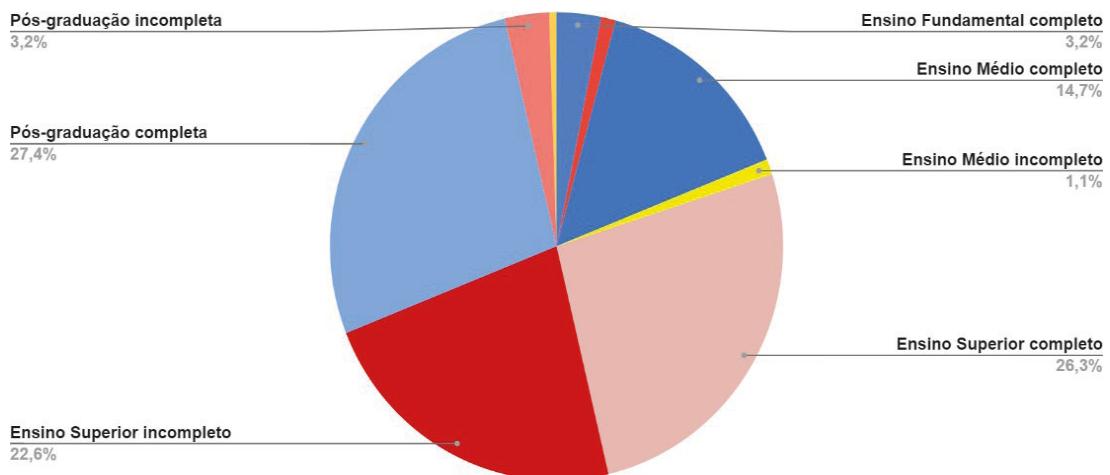
Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

Figura 9. Qual é o nível de escolaridade dos visitantes entrevistados?



Fonte: Compilação de Iasmim Ferraz de Farias, 2023

Muitos questionamentos podem ser feitos a partir dos gráficos analisados. Sobre este último, por exemplo, o que terá acontecido: não foram criadas estratégias para atração de outros públicos ou as que foram construídas não responderam positivamente?

O objetivo da política, conforme disposto no caderno *Política Nacional de Museus – Memória e Cidadania*, é promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio cultural brasileiro, considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania, por meio do desenvolvimento e da revitalização das instituições museológicas existentes e pelo fomento à criação de novos processos de produção e institucionalização de memórias constitutivas da diversidade social, étnica e cultural do país.³⁸

³⁸ INSTITUTO BRASILEIRO DOS MUSEUS (IBRAM). *Política Nacional de Museus*. Brasília, DF: IBRAM, 2017. Disponível em <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em: 21 out. 2024.

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

O Museu Casa de Rui Barbosa atrai um grande público de pesquisadores, como também ouvintes de palestras e eventos que são produzidos na FCRB. Porém, é notória a necessidade de tornar os espaços socialmente mais inclusivos, pois é preciso empreender todos os esforços para estreitar a relação do museu com os diferentes segmentos de público. Luciana Koptcke alerta:

Entretanto, a problemática da democratização e da democracia cultural não esgotaram os desafios colocados para os museus. A cultura ganhou reconhecimento político no combate às iniquidades, com o entendimento multicausal da exclusão social. Incluir socialmente implica garantir a todos a possibilidade de expressão e leitura do mundo, do acesso e entendimento crítico do infundável corpo de conhecimento produzido, de oportunidades de emprego, de boas condições de saúde, de relações sociais e afetivas saudáveis.³⁹

Em relação à questão do gênero, ao analisar os gráficos pode-se constatar um maior percentual do público feminino, seguido do masculino, não binário e transgênero. Essa questão tem sido um recorte bastante explorado no campo cultural, como encontramos em um artigo elaborado por cinco pesquisadoras que abordam o público espontâneo que visita museus de ciência no Rio de Janeiro e analisa aspectos da participação das mulheres nesses locais.⁴⁰

³⁹ KOPTCKE, Luciana. *Público, o X da questão? A construção de uma agenda da pesquisa sobre os estudos de público no Brasil*. Brasília, DF: Editora UnB, 2012.

⁴⁰ DAHMOUCHE, Mônica Santos *et al.* Agora são elas: a presença das mulheres no público de museus de ciência do Rio de Janeiro. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 29, e-125255, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/emquestao/a/8Zq539cd7q5Wf7bXMMknHpM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 out. 2024.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em
Petrópolis/RJ: uma análise sobre
influências artísticas e políticas na
arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

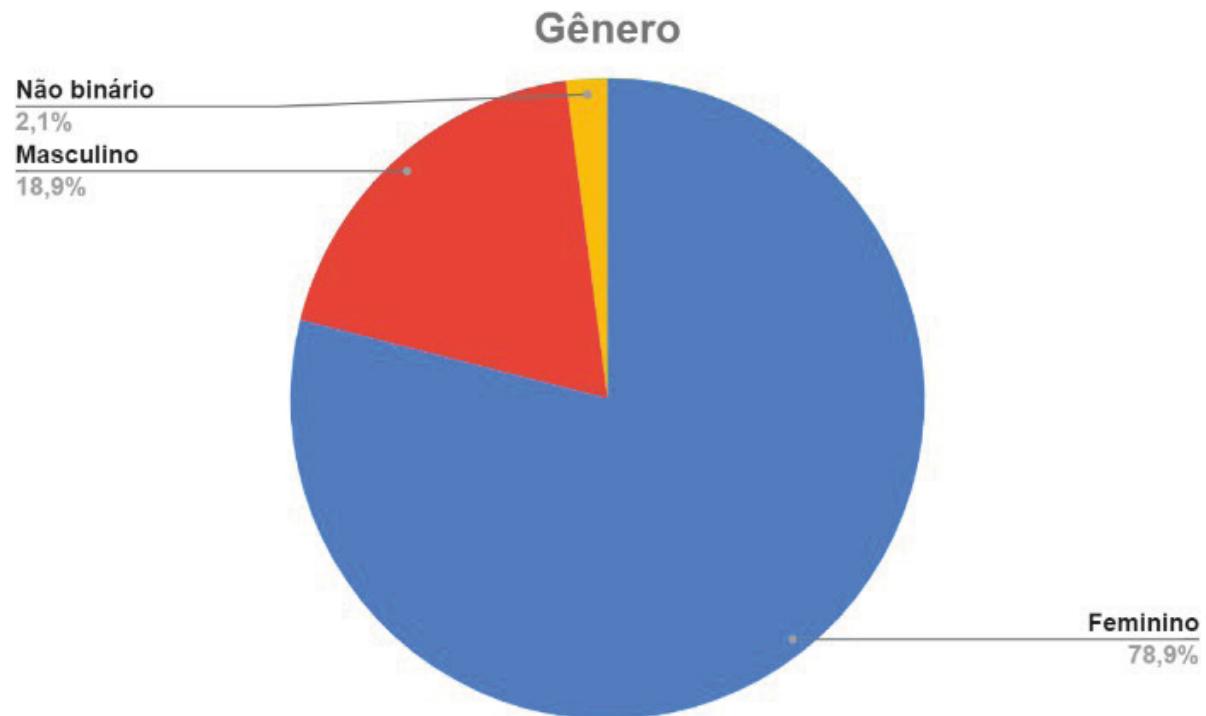
Pesquisa de público e o diálogo
com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções
de *sertão* e *sertanejo* em dicionários
publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

Segundo a pesquisa do Observatório de Públicos de Museus e Centros Culturais (OMCC), coordenada por Luciana Sepúlveda Koptcke, corroborando Lahire (2004) e Donnat (2002) “a visita feminina aos museus sofreu modificações ao longo do tempo, sugerindo um crescente processo de feminização das práticas culturais entre a década de 1970 e o ano 2000 em sociedades”.

Figura 10. Gênero dos visitantes entrevistados – Jardim Histórico



Fonte: Compilação de Iasmim Ferraz de Farias, 2023

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em
Petrópolis/RJ: uma análise sobre
influências artísticas e políticas na
arquitetura do século XIX

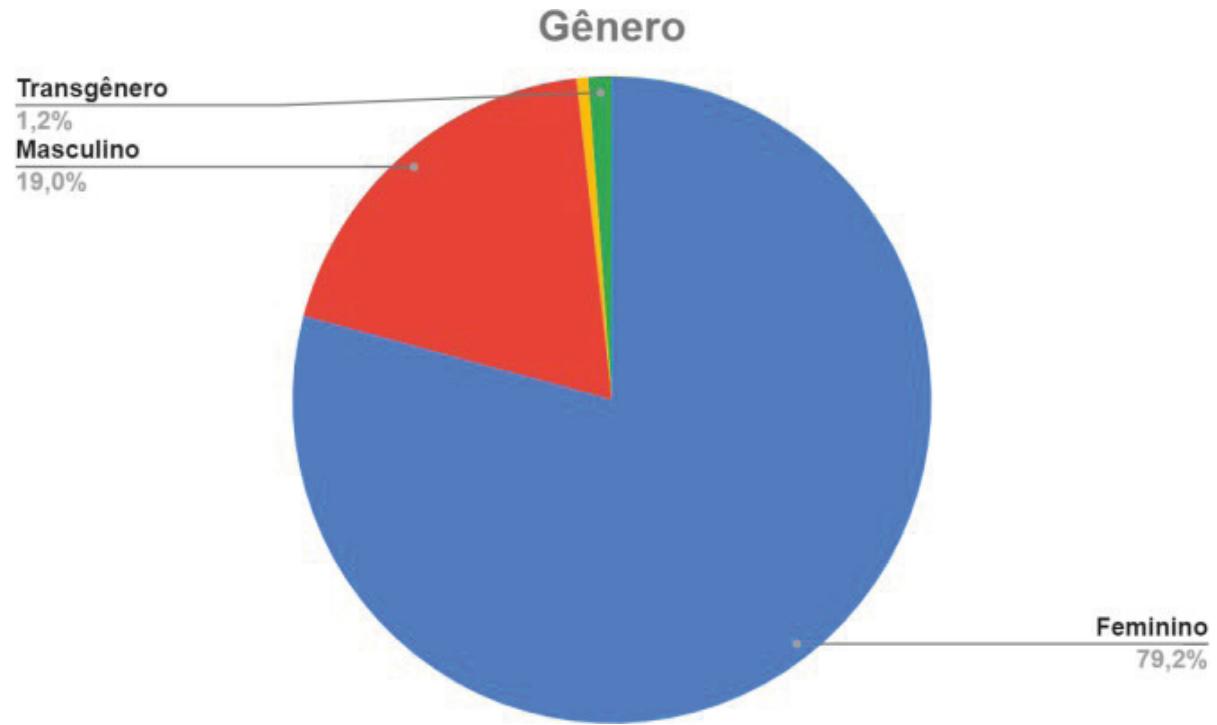
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo
com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções
de *sertão* e *sertanejo* em dicionários
publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

Figura 11: Gênero dos visitantes entrevistados – Museu Casa de Rui Barbosa



Fonte: Compilação de Iasmim Ferraz de Farias, 2023

Conclui-se a importância do projeto para a instituição de uma contínua linha de estudos futuros. É evidente a priorização durante o trabalho de uma análise de dados anteriores, devido à necessidade de constatar se ocorreram mudanças positivas ou negativas ou até mesmo uma estagnação nos dados coletados.

Vale ressaltar que essa pesquisa não é somente uma compilação de estatísticas, mas também um estudo social diante das perspectivas de análise dos visitantes que

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalhos Premiados na 18^a Jornada

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatrix Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

frequentam a instituição: Museu Casa de Rui Barbosa e o Jardim Histórico. Segundo esses dados analisados, podemos constatar primeiramente em relação ao Jardim Histórico que ocorreu um fenômeno de estagnação em referência aos dados “localidade”, em que o maior percentual dos visitantes são da zona sul.

Diante dessa constatação, deparamos a indagação do motivo de estar ocorrendo essa repetição de um grupo visitante moradores da zona sul, sobretudo do bairro onde a instituição está localizada. Pode-se analisar a semelhança do público entrevistado no Jardim Histórico e no Museu Casa de Rui Barbosa ser do gênero feminino. Diante dessa perspectiva, pode-se citar a questão da feminização do campo museal, conforme se deu na França, no início do século XXI, observado por Donnat (*apud* DAHMOUCHE *et al.*, 2023), esse mesmo processo não se pode relacionar no Brasil, mesmo ocorrendo um percentual maior do público feminino. Como afirma Nancy Fraser (2006),

[...] as mulheres enfrentam três dimensões principais de desigualdade: redistribuição econômica, representação e reconhecimento. Desses três, as duas últimas estão diretamente ligadas ao universo da cultura, do patrimônio e dos museus. As mulheres não são justamente representadas e não são justamente reconhecidas nos discursos, práticas e processos museológicos e patrimoniais de modo geral. No nosso caso, as injustiças estão radicadas nos padrões sociais de representação, interpretação e comunicação.⁴¹

⁴¹ FRASER *apud* OLIVEIRA; QUEIROZ, 2017, p. 16.

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

O fato de termos um grande percentual de público feminino como visitante não significa que essas mulheres estão ocupando esses espaços em outras instâncias, como vem alertando o coletivo Guerrilla Girls quando em 2017 lançaram a obra *As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo?*, trazendo um dado alarmante: apenas 6% dos artistas em exibição são mulheres, mas 60% dos “nus” são femininos. E no Museu Casa de Rui Barbosa, como a mulher vem sendo representada? Embora o patrono seja um homem, devemos ter espaço para discutir as outras personagens que estavam nesse espaço e em seu contexto histórico.

Segundo a Política de Educação Museal (Pnem), a educação museal é um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade e, nesse sentido, podemos entender o estudo de público como uma ação pertinente a esse campo. A aplicação da pesquisa de público, desde a construção do questionário ou do roteiro até a análise dos dados, é uma grande estratégia de diálogo com a sociedade: quais são as características sociais, culturais e econômicas do público que visita o museu? Quais são suas demandas? Estão satisfeitos com os serviços oferecidos? Se sentem representados nas exposições? Gostariam de emitir suas opiniões? Questões como essas são, em geral, abordadas nas pesquisas que nos dão um retrato do nosso público.

O projeto de pesquisa que vem sendo realizado no Museu Casa de Rui Barbosa, desde novembro de 2022, intitulado “Perfil-opinião uma análise sobre a experiência de visita ao Museu Casa de Rui Barbosa”, permitiu obter um estudo não somente quantitativo, mas também social. Todas as variáveis aqui analisadas e as outras que não

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

foram apresentadas apontam para as muitas estratégias que precisamos adotar para ampliar o acesso de grupos ausentes. Os museus ainda são muito excludentes, e precisamos mudar esse cenário. As pesquisas de público são ferramentas importantes, mas não basta realizar o estudo, é necessário avançar na busca de soluções.

Referências

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público.* Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Companhia de Letras, 2002.

DAHMOUCHE, Mônica Santos *et al.* Agora são elas: a presença das mulheres no público de museus de ciência do Rio de Janeiro. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 29, e-125255, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/emquestao/a/8Zq539cd7q5Wf7bXMMknHpM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 out. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DOS MUSEUS (IBRAM). *Política Nacional de Museus.* Brasília, DF: IBRAM, 2017. Disponível em <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em: 21 out. 2024.

KOPTCKE, Luciana. *Público, o X da questão? A construção de uma agenda da pesquisa sobre os estudos de público no Brasil.* Brasília, DF: Editora UnB. 2012.

KOPTCKE, Lucia Sepúlveda; CAZELLI, Sibele e LIMA, José Matias de. *Museus e seus visitantes: relatório de pesquisa perfil-opinião 2005.* Brasília, DF: Gráfica: Editora Brasil, 2009.

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

MACEDO, Luis de Souza Lima; OLIVEIRA, Ana Paula. Museus para quem? interações entre perfil de público, lazer e turismo. *Licere*, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 315-342, mar. 2022.

MARTINS, Luciana. *Que público é esse? Formação de públicos de museus e centros culturais*. São Paulo: Percebe, 2013. 73 p.

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de; QUEIROZ, Marijara Souza. Museologia – substantivo feminino: reflexões sobre museologia e gênero no Brasil. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, n. 5, p. 1-17, set. 2017. Disponível em: <https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/2ffb07d8/b9d4/4cb9/90d1/92576a686113.pdf>.

REIS, Cláudia Barbosa. *Memórias de um Jardim*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011.

RIDENTI, Marcelo. O mito do gosto inato. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 2003. Jornal das Resenhas. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs1110200304.htm>. Acesso em: 29 fev. 2024.

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

História e Memória do AMLB: divulgação em culturas

Joana Sousa Lira^{42,43}

Este artigo intitulado “História e Memória do AMLB: divulgação em culturas” possui como objetivo específico a comemoração dos 50 anos de existência, a saber, fazer a divulgação dos arquivos pessoais de escritores sob a guarda do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB); e disponibilizar as informações nele contidas, por meio das publicações dos inventários do arquivo. Inventários de arquivo tornam de fácil acesso o conteúdo existente no acervo do AMLB. Diante dessa premissa, já foram publicados 12 inventários de autores e, neste trabalho de pesquisa, colaboramos na descrição do processo de organização das informações para a publicação do 13º Inventário da série, este destinado ao escritor Bastos Tigre. Ademais, este estudo é composto também pela coordenação e conclusão do acervo de José Geraldo Vieira, bem como as divulgações dos acervos sugeridas e executadas ao longo do período do estudo.

Para executar essa tarefa, foi realizada a pesquisa em fontes do acervo do próprio AMLB e também de outras instituições, com o intuito de fazer a conferência de informações

⁴² da FCRB.

⁴³ Graduanda em Letras na Universidade Federal Fluminense (UFF), bolsista no período de novembro de 2022 até a presente data, do Programa de Iniciação Científica (PIC) da Fundação Casa de Rui Barbosa, financiado pela FCRB, projeto “História e Memória do AMLB: AMLB 50 anos” coordenado pela Dra. Rosângela Florido Rangel.

Email para contato: joanasousalira05@gmail.com.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalhos Premiados na 18ª Jornada

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

já levantadas durante a organização do arquivo de Tigre. Conferimos as seções “Bibliografia do titular”, a “Bibliografia sobre o titular” e a “Cronologia do titular”, partes integrantes do inventário do arquivo, utilizando as referências bibliográficas e a organização das informações levantadas para a cronologia e bibliografia de Bastos Tigre como forma de estruturar o conteúdo.

No que se refere ao José Geraldo Vieira, a pesquisa, no primeiro momento, se restringiu ao acervo do próprio AMLB, uma vez que a organização das informações contidas nesse arquivo ainda não estava totalmente finalizada. Ao longo dos meses de pesquisa ao acervo do autor, observou-se que o arquivo estava repleto de recortes de jornais, sendo necessário, inclusive, a contagem deles. Ademais, a conferência de número de páginas, comparação entre as datas apresentadas nos volumes e o período que realmente estava no material e a descrição dos itens de cada pasta também foram atividades realizadas.

Conforme indicado anteriormente, o 13º Inventário do Arquivo a ser publicado pelo AMLB destina-se à divulgação do escritor Manuel Bastos Tigre, que foi poeta, jornalista, conferencista, autor de peças teatrais, letrista, publicitário, bibliotecário e engenheiro. Ele nasceu em Recife (PE), em 12 de março de 1882. Em 1892, foi matriculado no Colégio Diocesano de Olinda e, incentivado pelos padres do internato, escreveu seus primeiros poemas. Aos 14 anos, publicou, em *O vigia*, jornal fundado por ele durante o tempo no internato, um poema sobre o seminário, que ficava anexo ao seu colégio, poema este nos moldes de *Os lusíadas*. Aos 17 anos, Bastos Tigre viajou para o Rio de Janeiro onde, em 22 de abril, se matriculou no 1º ano do curso geral da Escola Politécnica. No ano de 1901,

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

após rebelar-se contra a Lei Orgânica do Ensino que acabava com a frequência livre, ele publicou o poema satírico intitulado “O menino prodígio”, o qual continha sátiras ao ministro da justiça e negócios interiores da época, Epitácio Pessoa, responsável pela reformulação da lei. O poema foi publicado pela imprensa e lido na Tribuna do Senado por Rui Barbosa.

No ano de 1906, depois de se formar em engenheiro civil pela Escola Politécnica, Bastos Tigre viajou para a Europa e, posteriormente, para os Estados Unidos. No regresso de sua viagem internacional, ele trabalhou como diretor de periódico, abriu um escritório de publicidade, se tornou referência na história da propaganda brasileira e ajudou a fundar a Sociedade Brasileira de Homens de Letras e a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, a qual dez anos depois da fundação, viria se tornar presidente. Em 1915, fez concurso para bibliotecário do Museu Nacional e é considerado o primeiro bibliotecário por concurso no Brasil.

Ao longo da sua vida, Bastos Tigre colaborou com diversas revistas como *O Tagarela*, *A Avenida*, *O Correio da Manhã*, etc. No ano de 1917, ele fundou seu próprio periódico, a revista *D.Quixote*. Essa revista, com seu toque humorístico, foi de extrema relevância para os caricaturistas e desenhistas da época. No teatro, Bastos Tigre foi autor de operetas, comédias, revistas e *vaudevilles*, entre elas, *O maxixe*, *O rapadura*, *Viva o amor*, *Sorte grande*, *Vertigem*.

O autor publicou: *Saguão da posteridade* (1902), *Versos perversos* (1905), *Moinhos de vento* (1913), *Bolhas de sabão* (1919), *Fonte da Carioca* (1922), *Penso, logo eis isto* (1923), *Meu bebê* (1924),

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

Brinquedos de Natal (1925), *Poesias humorísticas* (1933), *Entardecer: poesias* (1935), *As parábolas de Cristo: e outras poesias* (1937), *Musa gaiata* (1949), entre outros.

Manuel Bastos Tigre faleceu no dia 2 de agosto de 1957, aos 75 anos, no Rio de Janeiro. Deixou a esposa, Concetta, e cinco filhos: Sylvia, Selene, Helios, Heitor Carlos e Stela. Em 1980, em homenagem ao poeta, é instituído o Dia do Bibliotecário, comemorado em 12 de março, data do seu nascimento.

José Geraldo Vieira, por sua vez, nasceu em 16 de abril de 1897, no Rio de Janeiro. Ele foi escritor, médico, professor, poeta, crítico de arte e tradutor. Aos 11 anos, após o falecimento dos pais, Vieira passou a morar com o seu tio materno e suas duas irmãs. Dois anos depois, Vieira ingressou no Liceu Condorcet, em Paris, onde estudou Humanidades (Letras). Aos 17 anos, regressou para o Brasil onde se matriculou na Faculdade de Medicina da Praia Vermelha. Em paralelo aos estudos de medicina, escreveu poesias e contos que foram publicados em jornais e revistas da época. Vieira concluiu o curso de medicina em 1919 e, no ano seguinte, iniciou o curso de radiologia em universidades e hospitais sucessivamente de Paris, Erlangen, Berlim e Hamburgo.

Vieira iniciou sua carreira como escritor publicado em 1922, com o livro de contos *A ronda do deslumbramento*, mas foi no romance que o autor se encontrou. Publicou obras como: *A mulher que fugiu de Sodoma*, *A quadragésima porta*, *A ladeira da memória*, *Território humano*, *Terreno baldio*, entre outras.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalhos Premiados na 18ª Jornada

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

Nos jornais, Vieira escrevia, além de poesias e contos, críticas de arte. Foi, durante 20 anos, o crítico oficial da *Folha de S.Paulo*. Ademais, lecionou, na Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, história da literatura portuguesa, história da literatura brasileira, introdução ao teatro, ao cinema, ao rádio e à televisão, história das culturas literárias e semiologia.

Em 1948, Vieira foi eleito, por unanimidade, para ocupar a cadeira nº 39 da Academia Paulista de Letras, em substituição a Monteiro Lobato. Vinte anos depois, recebeu o Prêmio Brasília de Literatura pelo conjunto de sua obra. José Geraldo Vieira faleceu no dia 17 de agosto de 1977, aos 80 anos.

A primeira etapa do projeto consistiu em um levantamento bibliográfico da produção do escritor em livros e periódicos. A partir do resultado do levantamento, foi feita uma análise das obras encontradas e um confronto com as obras listadas em duas publicações muito significativas sobre o escritor, a saber, *Bastos Tigre e la belle époque*, de Raimundo de Menezes, e *Bastos Tigre: notas biográficas*, de Sylvia Bastos Tigre.

Foi necessária essa análise porque, nas duas obras de referência da produção de Tigre, havia informações equivocadas e divergências quanto às datas de publicação das obras, e no caso da colaboração de Bastos Tigre em periódicos, há muitas lacunas de informações. A validação das informações sobre a bibliografia do autor contou com a consulta das referências das obras *Literatura e seus híbridos*, de Isabela M. Borges e organização de Paulo Henrique Pergher; *Bastos tigre e humorismo parnasiano*, de Samanta Rosa Maia; *Bastos Tigre e la belle époque*, de Raimundo de Menezes, e a pesquisa na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 18ª Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

Ao longo dos meses iniciais do projeto de pesquisa para o inventário de Bastos Tigre foram realizadas revisões constantes dos capítulos trabalhados (bibliografia de, bibliografia sobre e cronologia), seja por meio do email ou através de reuniões presenciais no AMLB.

Em dezembro, foi formulada a primeira versão da cronologia. Em janeiro, foi iniciada, paralelamente à cronologia, a pesquisa da bibliografia de Bastos Tigre com as referências bibliográficas pesquisadas. No decorrer dos meses, por meio de consultas e pesquisas em várias fontes, foram levantadas publicações em livros e artigos de periódicos que foram adicionadas à bibliografia inicial.

Nos meses de fevereiro e março verificamos a atuação de Tigre no periódico *Correio da Manhã*, coluna Pingos & Respingos, para eventuais comentários e revisão, pois não temos ainda a informação mais acertada do tempo de colaboração do autor no jornal, porque verificamos em algumas fontes bibliográficas a informação de que essa colaboração ocorreu por mais de duas décadas. Entretanto, outras fontes mostram divergências.

As peças teatrais de Bastos Tigre citadas em obras de referência sobre o escritor nos levam a crer que foram publicadas em livro, porém, não foram editadas, mas encenadas nos teatros do Rio de Janeiro. Decidimos incluir a produção teatral de Tigre na sua bibliografia. Estamos em debate para definir a melhor estratégia a ser adotada na bibliografia do autor, pesquisando e discutindo as normas da ABNT.

Adotamos na bibliografia do autor a apresentação das obras por períodos de duas décadas. Essa bibliografia está dividida por livros publicados; peças teatrais (encenadas e

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

não publicadas); colaboração em jornais e revistas (atividades de longa duração de Tigre), para tornar mais fácil a consulta.

Destaco, durante a pesquisa, ter encontrado uma significativa quantidade e qualidade dos documentos presentes no arquivo do escritor no AMLB. Cito a reportagem do *Jornal da Unicamp*, de julho de 2017, que faz uma introdução da vida do Bastos Tigre, aborda a temática do e-book no texto: *Estilo moderno: humor, literatura e publicidade em Bastos Tigre*, do historiador Marcelo Balaban e, por último, termina com o vídeo intitulado *Humor, literatura e publicidade* que retrata a vida e a época do Bastos Tigre com fotos e músicas do período vivido pelo escritor. Ademais, através de pesquisa no Google Maps, foi encontrada uma homenagem ao escritor nomeando a rua localizada no bairro de Santíssimo, zona oeste do Rio de Janeiro, denominada de rua Bastos Tigre.

No que se refere à pesquisa atual, pontuo a diferença no formato do material de pesquisa, no caso de Bastos Tigre, o material estava digitalizado, ao contrário do acervo de José Geraldo Vieira, que é totalmente físico. No entanto, as etapas de pesquisa se assemelham após a estruturação do arquivo. O primeiro passo no ordenamento do arquivo na pesquisa atual foi realizar o levantamento do acervo, que consiste em quantificar todo material encontrado, ou seja, o número de pastas, número de páginas, etc. Diante disso, foi necessário numerar novamente cada pasta, pois, ao compararmos as datas em cada volume com as datas que estavam escritas, observou-se que havia divergência.

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

No decorrer dos meses, foi realizada também a descrição dos itens, isto é, o que cada volume continha e, posteriormente, as informações encontradas foram dispostas no formato planilha. Esse formato é a maneira como o arquivo se apresenta no sistema Sophia, o software de biblioteca utilizado pelo AMLB. Ao longo dos primeiros meses de 2024, foram encontrados mais seis volumes no AMLB. Diante disso, foi preciso realizar a análise desses novos volumes. As etapas concretizadas foram as mesmas dos volumes anteriores, isto é, contagem de recortes, conferência de números de páginas e descrição dos itens em formato planilha. Os novos volumes foram numerados a partir do número 18 até o número 23, pois os volumes anteriores totalizaram 17 pastas e, após reuniões, optou-se por darmos continuidade à numeração e não renumerar todos os volumes desde o início.

A cronologia de Bastos Tigre teve seu início com o nascimento do autor e se encerrou com uma última homenagem e também com a publicação de textos de terceiros. A primeira data na cronologia foi 1882, ano do seu nascimento, e a última data foi 2013, ano em que ocorreu a publicação do livro *Migalhas de Bastos Tigre*, uma parceria de familiares de Bastos Tigre com Maria Clara da Silveira Matos, que reúne fragmentos da obra do poeta.

A bibliografia de Bastos Tigre é apresentada em intervalos de vinte anos como forma de organizar, cronologicamente, as produções do autor. As peças teatrais mantiveram o mesmo critério de divisão em vinte anos, exceto duas peças nas quais suas respectivas datas não foram encontradas, logo, para sinalizar na obra essa e outras peculiaridades e/ou informações adicionais foram criadas notas de rodapé. Além disso, como as peças teatrais não foram publicadas em livros, ainda será decidido como as referências serão

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 18ª Jornada

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

apresentadas nessa classificação. Ademais, a colaboração em jornais e revistas contou com o seu próprio espaço distinto.

O arquivo de Bastos Tigre foi doado ao AMLB em duas datas: no ano de 1984, pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), esses primeiros itens doados pelos filhos do poeta, Sylvia e Hélios Bastos Tigre. E, em 1995, o AMLB recebeu, por meio de Hélios Bastos Tigre, a segunda doação de documentos. É importante destacar que no processo de identificação dos documentos foi constatado, durante a pesquisa, que o arquivo pessoal de Bastos Tigre continha também itens produzidos e acumulados por seus filhos, ativos no que diz respeito à preservação e divulgação dos feitos do pai após seu falecimento.

O acervo do José Geraldo Vieira no AMLB era composto por 17 pastas, contendo trabalhos do escritor divulgados na imprensa, cartas, diplomas, catálogos de exposição com críticas de arte escritas pelo autor, ofícios, fotos, convites, entre outros. Os volumes variam de tamanho de acordo com o período de cada pasta. No entanto, ao longo dos meses de 2024, foram encontradas mais seis pastas, totalizando 23 volumes. Atualmente, todos os volumes estão em fase de revisão e conferência final.

A pesquisa sobre Bastos Tigre foi a minha primeira experiência no âmbito da pesquisa acadêmica/científica. Logo no início, quando soube qual seria o trabalho a ser realizado, a publicação e a divulgação do inventário, fiquei super animada. Naquele momento pude consultar livros já publicados que viriam a ser referência para a atividade que estava

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

começando, além disso, vi algumas ideias de *folder* que serão de grande ajuda e inspiração para a segunda etapa da pesquisa, etapa esta seguinte à publicação da obra, à sua divulgação. No decorrer da pesquisa, aprendi a consultar a base de dados da FCRB, da Biblioteca Nacional, da Library of Congress. Esta última base de dados citada concentra um grande número de obras literárias de diversos países, inclusive o Brasil. Ademais, aprendi a consultar também o repositório de teses da Capes.

No que se refere ao processo descritivo da pesquisa, aprendi como relacionar as informações presentes nos livros, compará-las, verificar as colocações pertinentes para só então montar a cronologia e a bibliografia de Bastos Tigre, dessa forma aprendi a olhar de maneira atenta questões como data, informações incompletas, etc.

Outro ponto de destaque da pesquisa a se considerar é o conhecimento adquirido sobre o Bastos Tigre. Antes da pesquisa não conhecia o autor e, após conhecer um pouco sobre ele, notei a sua importância para a área da biblioteconomia, para a área da publicidade e propaganda, da poesia, da crônica, etc. A crônica, inclusive, com seu caráter curto, direto, cotidiano e humorístico se torna, para Bastos Tigre, uma ótima maneira de tornar o autor mais conhecido, pois é possível compor um paralelo entre seus textos, o Rio da *Belle Époque* e a própria personalidade descontraída do poeta.

O inventário de Bastos Tigre encontra-se, atualmente, na seguinte fase: revisão dos documentos que o compõem – ficha técnica, cronologia, bibliografia de Bastos Tigre,

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatrix Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo
com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções
de *sertão* e *sertanejo* em dicionários
publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

bibliografia sobre Bastos Tigre, teses e dissertações e possíveis destaques/quantitativo – fundo arquivístico Bastos Tigre.

No que tange ao inventário de José Geraldo Vieira, a pesquisa passou pela etapa de cronologia. Nessa fase, após a organização no formato adequado utilizando a biografia mais extensa como base, as informações foram comparadas com outras biografias encontradas no acervo do autor. Após essa etapa, a pesquisa se concentrou na bibliografia do autor, bibliografia sobre o autor e nas teses e dissertações. O material utilizado como apoio foram os recortes presentes no acervo e as teses e dissertações encontradas. Atualmente, o inventário do autor encontra-se na etapa de revisão final de informações.

Quanto à divulgação propriamente dita, como mencionado no início do relatório, o projeto “História e Memória do AMLB: AMLB 50 anos” possui o objetivo central de divulgar o acervo do AMLB. Diante disso, no dia 17 de agosto de 2023, foi apresentado para a orientadora e os demais servidores do AMLB presentes algumas sugestões de divulgação, entre elas:

- Instagram;
- extensão da exposição;
- mural com eventos em local estratégico.

O Instagram é uma ferramenta social muito utilizada com a finalidade de divulgar seja um produto, um serviço, um estudo, ou até mesmo a imagem pessoal. Dessa forma, a divulgação de acervo pode ser inserida nesse mecanismo através de *reels*, isto é, vídeos curtos contendo algumas informações, trabalhos, curiosidades do escritor e, ao final, propor ao destinatário da mensagem um aprofundamento convidando-o ao AMLB.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalhos Premiados na 18^a Jornada

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

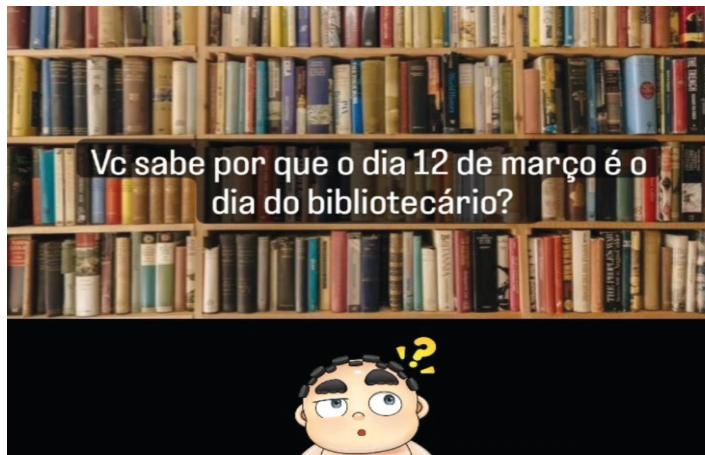
Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

A extensão da exposição e o mural com eventos em local estratégico são sugestões que podem ser realizadas de forma conjunta, por meio do posicionamento de cartazes e avisos de exposição que poderão estar colocados no mural com a programação da FCRB. É importante, para que haja o efeito necessário, que o mural fique localizado em um ponto estratégico.

No dia 28 de setembro de 2023, ocorreu a 18^a Jornada de Iniciação Científica da Fundação Casa de Rui Barbosa, evento realizado anualmente que se propõe a promover a apresentação dos trabalhos dos bolsistas da FCRB. Nele, pude apresentar, na prática, a divulgação do acervo através do Instagram. Dessa forma, criei vídeos curtos contendo algumas informações, trabalhos, curiosidades dos escritores Bastos Tigre (Figuras 1, 2, 3) e José Geraldo Vieira (Figuras 4, 5, 6) e, ao final de ambos os vídeos, convidei o público geral ao AMLB (Figura 7).

Figura 1: Capa do vídeo sobre Bastos Tigre



Fonte: Imagem da autora

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

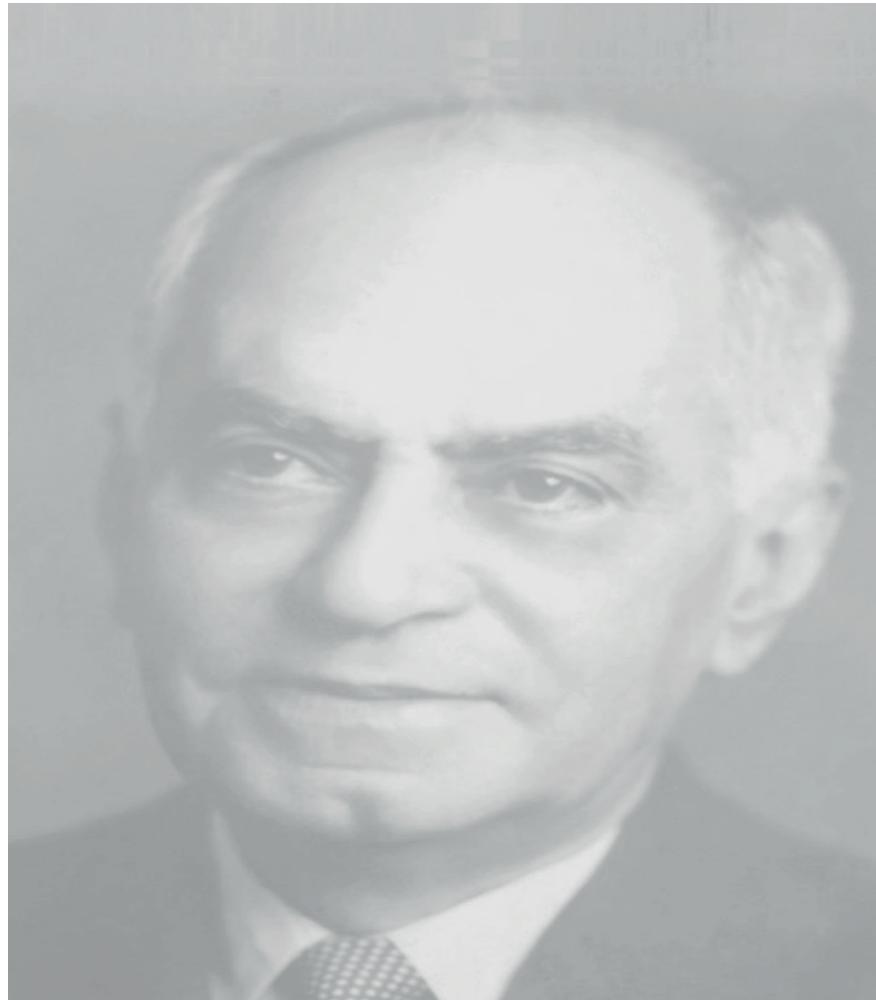
Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

Figura 2: Foto de Bastos Tigre



Fonte: Acervo do AMLB

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

Figura 3: O Rio de Janeiro de Bastos Tigre

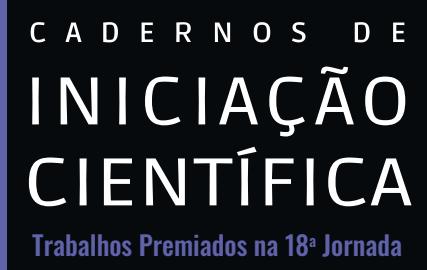


O que era ainda há pouco tempo o local onde se ergue hoje o Theatro Municipal.

LUGOLINA
de DR. EDUARDO FRANCA

Premiada com 2 medalhas de Ouro na Exposição International de Milão - 1906
Cura eficaz de todas as moléstias da pele, manchas, caspa, suor dos
pés e sevaceo, espinhas, etc.
Vende-se em todas as farmácias e drogarias

Fonte: Acervo do AMLB



Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

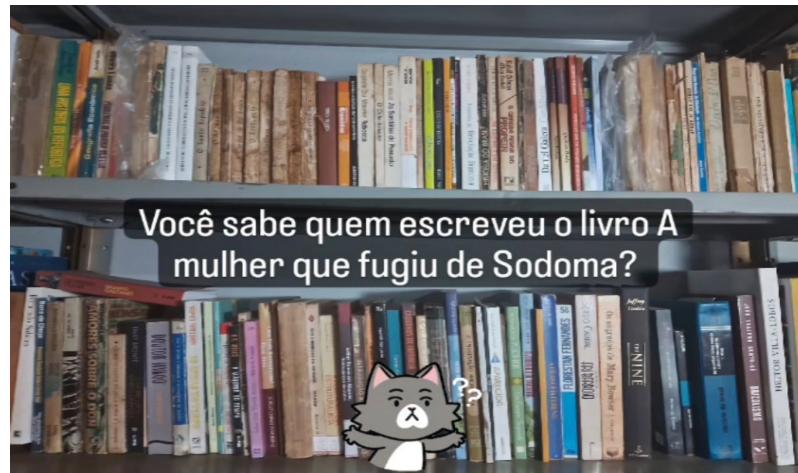
Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

Figura 4: Capa do vídeo sobre José Geraldo Vieira



Fonte: Imagem da autora

Figura 5: Retrato de José Geraldo Vieira



Fonte: Acervo do AMLB

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em
Petrópolis/RJ: uma análise sobre
influências artísticas e políticas na
arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

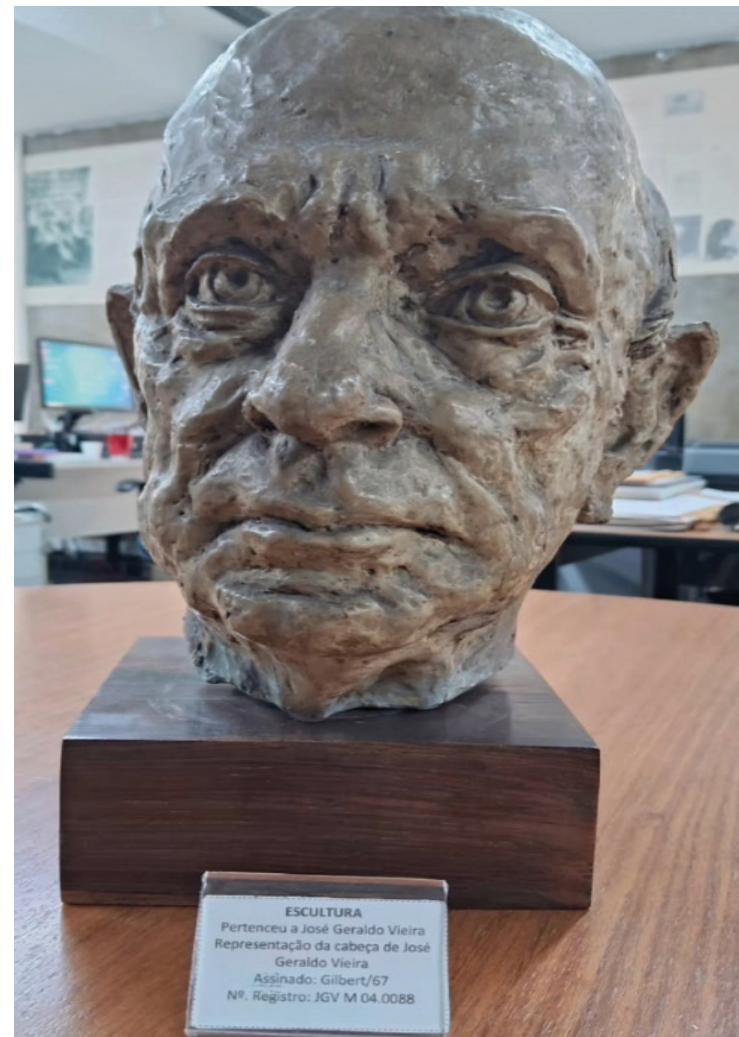
Pesquisa de público e o diálogo
com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

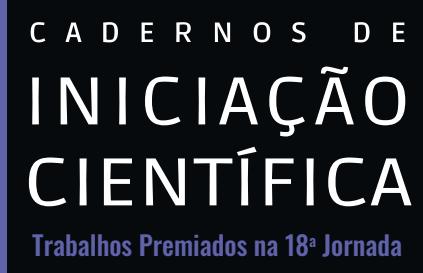
Definir o indefinível: as acepções
de *sertão* e *sertanejo* em dicionários
publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

Figura 6: Busto de José Geraldo Vieira



Fonte: Acervo do AMLB



Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

Figura 7: Convite ao AMLB



Fonte: Imagem da autora

Por fim, o projeto de organização dos acervos em formato de inventários de arquivo, assim como a sua divulgação, são fundamentais para a consulta de pesquisadores e estudiosos, mas também para o público em geral, haja vista que tornar os acervos disponíveis através das novas ferramentas digitais torna o conhecimento mais acessível e atualizado.

Referências

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Biblioteca Nacional Digital Brasil*. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 9 mar. 2023.

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.gov.br/casaruibarbosa/pt-br>. Acesso em: 9 mar. 2023.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://portal.fgv.br/>. Acesso em: 9 mar. 2023.

GOOGLE MAPS. Rua Bastos Tigre. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/R.+Bastos+Tigre+-+Sant%C3%A3o+Adssimo,+Rio+de+Janeiro+-+RJ,+23093-630/@-22.8767143,-43.5301159,17z/data=!3m1!4b1!4m6!3m5!1s0x9be1af3ee1dd5b:0xace427ea811b8226!8m2!3d-22.8767143!4d-43.5301159!16s%2Fg%2F1ymwl4dt8>. Acesso em: 9 mar. 2023.

Obras sobre o Bastos Tigre

BORGES, Isabela M.; PERGHER, Paulo Henrique (Orgs.). *Literatura e seus híbridos*. Florianópolis: UFSC, 2019.

MAIA, Samanta Rosa. *Bastos tigre e humorismo parnasiano*. 2021. 288f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

MENEZES, Raimundo de. *Bastos Tigre e la belle époque*. São Paulo: Edart, 1966.

SÓLDON, Renato. *Musa Gaiata* (Edição Completa). Rio de Janeiro: Editorial UNIDADE Limitada, 1949.

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

TIGRE, Bastos; BALABAN, Marcelo (Org.). *Instantâneos do Rio Antigo*. São Paulo: Mercado de Letras: Cecult; São Paulo: Fapesp, 2003.

TIGRE, Bastos; MATOS, Maria Clara da Silveira (Org.). *Migalhas de Bastos Tigre*. Rio de Janeiro: Migalhas, 2013.

TIGRE, Sylvia Bastos. *Bastos Tigre*: notas biográficas. Brasília, DF: Fundação Luiz La Saigne, 1982.

Bibliografia do Bastos Tigre

TIGRE, Bastos. *A ceia dos coronéis*. Rio de Janeiro: Tip. Coelho, 1924.

TIGRE, Bastos. *Aconteceu ou podia ter acontecido*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1944.

TIGRE, Bastos. *Arlequim: micro-poemas, hemi-humorísticos e semi-philosophicos*. Rio de Janeiro: Litho-typographia Fluminense, 1922.

TIGRE, Bastos. *Bolhas de sabão*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro e Machado, 1915.

TIGRE, Bastos. *Brinquedos de Natal*. Rio de Janeiro: Editora Leite Ribeiro, 1925.

TIGRE, Bastos. *Cancionário*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1946.

TIGRE, Bastos. *Carnaval: Poemas em louvor ao Momo*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1932.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalhos Premiados na 18^a Jornada

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

TIGRE, Bastos. *Chantez Clair*. Rio de Janeiro: Editora Leite Ribeiro, 1926.

TIGRE, Bastos. *Conceitos e preceitos*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1946.

TIGRE, Bastos. *Entardecer: poesias*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1935.

TIGRE, Bastos. *Fonte da Carioca: poesias humorísticas*. Rio de Janeiro: Grande Livraria Leite Ribeiro, 1922.

TIGRE, Bastos. *Getúlio Vargas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1937.

TIGRE, Bastos. *Li-vi-ouvi*. Rio de Janeiro: Livraria Editora José Olympio, 1938.

TIGRE, Bastos. *Martins Fontes*. Rio de Janeiro: Sociedade dos Amigos de Martins Fontes, 1943.

TIGRE, Bastos. *Moinhos de vento*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Jacinto Silva, 1913.

TIGRE, Bastos. *Musa Gaiata*. São Paulo: Editora Empresa O Papel Ltda, 1949.

TIGRE, Bastos. *O maxixe*. Rio de Janeiro: Tip. Rabêlo Braga, 1906.

TIGRE, Bastos. *O rapadura*. Rio de Janeiro: Oficina do Teatro e Esporte, 1915.

TIGRE, Bastos. *Penso logo... Eis Isto*. Rio de Janeiro: Tip. Coelho, 1923.

TIGRE, Bastos. *Poemas da primeira infância*. Rio de Janeiro: Tip. Coelho, 1925.

TIGRE, Bastos. *Recitália*. Rio de Janeiro: Editora Minerva Ltda., 1957.

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

TIGRE, Bastos. *Reminiscências: a alegre roda da Colombo e algumas figuras do tempo de antigamente*. Brasília, DF: Thesaurus, 1992.

TIGRE, Bastos. *Saguão da posteridade: subsídio para um pantheon ceroplástico*. Rio de Janeiro: Typographia. Altina, 1902.

TIGRE, Bastos. Sátiras. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1946.

TIGRE, Bastos. *Senhorita Vitamina*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, 1942.

TIGRE, Bastos. *Sol de inverno*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1955.

TIGRE, Bastos. *Ver e amar*. Rio de Janeiro: Tip. Coelho, 1922.

TIGRE, Bastos. *Versos perversos: poesias satyricas em commentario aos acontecimentos políticos de 1904*. Rio de Janeiro: J. Ribeiro dos Santos Editor, 1905.

Obras não editadas, mas encenadas

TIGRE, Bastos. *A Ceia dos coronéis*. Paródia. Rio de Janeiro: Teatro Trianon, 1923.

TIGRE, Bastos. *Bric-à-Brac*. Teatro de Revista. Rio de Janeiro: Teatro Glória, 1926.

TIGRE, Bastos. *Boas falas*. Teatro de Revista. Rio de Janeiro: Teatro Recreio, 1927.

TIGRE, Bastos. *De pernas p'rô ar*. Teatro de Revista. Rio de Janeiro: Palace Teatro, 1916.

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

- TIGRE, Bastos. *Dito e feito*. Teatro de Revista. Rio de Janeiro: Teatro S. José, 1924.
- TIGRE, Bastos. *Excelsior*. Teatro de Revista. Rio de Janeiro: Teatro Fênix, 1926.
- TIGRE, Bastos. *Grão de bico*. Teatro de Revista. Rio de Janeiro: Teatro Apolo, 1915.
- TIGRE, Bastos. *Mão única*. Teatro de Revista. Rio de Janeiro: Teatrinho Jardel, 1949.
- TIGRE, Bastos. *O maxixe*. Teatro de Revista. Rio de Janeiro: Teatro Carlos Gomes, 1906.
- TIGRE, Bastos. *O micrório do amor*. Vaudeville. Rio de Janeiro: Teatro Pequeno, 1916.
- TIGRE, Bastos. *Ondas sonoras*. Teatro de Revista. Rio de Janeiro: Teatro Municipal, 1935.
- TIGRE, Bastos. *Oooh*. Teatro de Revista. Rio de Janeiro: Teatro Lírico, 1926.
- TIGRE, Bastos. *O rapadura*. Teatro de Revista. Rio de Janeiro: Teatro Recreio, 1915.
- TIGRE, Bastos. *Ou vai ou racha*. Teatro de Revista. Rio de Janeiro: Teatro S. José, 1927.
- TIGRE, Bastos. *Senhorita Vitamina*. Comédia. Rio de Janeiro: Teatro Carlos Gomes, 1940.
- TIGRE, Bastos. *Sorte grande*. Comédia. Rio de Janeiro: Teatro Cassino, 1926.
- TIGRE, Bastos. *Sua excia*. Teatro de Revista. Rio de Janeiro: Teatro Fênix, 1926.
- TIGRE, Bastos. *Ver e amar*. Opereta. Rio de Janeiro: Teatro Rialto, 1922.
- TIGRE, Bastos. *Vertigem*. Fantasia em 2 atos. Rio de Janeiro: Teatro João Caetano, 1939.
- TIGRE, Bastos. *Viagem ao redor das mulheres*. Comédia. Rio de Janeiro: Teatro Lírico, 1920.

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

TIGRE, Bastos. *Viva o amor*. Teatro de Revista. Rio de Janeiro: Teatro Lírico, 1924.

TIGRE, Bastos. *Zig-Zag*. Teatro de Revista. Rio de Janeiro: Teatro Glória, 1926.

Obras citadas nas colaborações em periódicos

TIGRE, Bastos. Coleção. *A avenida*, Rio de Janeiro, 1904.

TIGRE, Bastos. Coleção. *D. Quixote*, Rio de Janeiro, 1917-1923 e 1925.

TIGRE, Bastos. Coleção. *O filhote*, Rio de Janeiro, 1909 - 1910.

TIGRE, Bastos. Coleção. *Tagarela*, Rio de Janeiro, 1902.

TIGRE, Bastos. Pingos & Respingos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1910 - 1917.

Teses e dissertações sobre José Geraldo Vieira

ARANHA, Arlete Chaddad. *A França em mosaico nos romances Terreno baldio e Território humano, de José Geraldo Vieira*, 2003. 208f. Tese (Doutorado em Letras) – USP, São Paulo.

GARCIA, Márcia Aparecida. *José Geraldo Vieira (1897-1977) fortuna crítica*. 2003. 247f. Dissertação (Mestrado em Letras) – UNESP, São Paulo.

SILVA, Daniele do Vale. *A presença da figura feminina na narrativa de José Geraldo Vieira*. 2017. 102f. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFPE, Pernambuco.

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

Bibliografia de José Geraldo Vieira

VIEIRA, José Geraldo. *O triste epígrama*. Rio de Janeiro: Empreza Brasil Editora, 1920.

VIEIRA, José Geraldo. *A ronda do deslumbramento*. Rio de Janeiro: Empreza Brasil Editora, 1922.

VIEIRA, José Geraldo. *A quadragésima porta*. Porto Alegre: Globo, 1943.

VIEIRA, José Geraldo. *A ladeira da memória*. São Paulo: Saraiva, 1950.

VIEIRA, José Geraldo. *O albatroz*. São Paulo: Saraiva, 1952.

VIEIRA, José Geraldo. *Terreno baldio*. São Paulo: Martins, 1961.

VIEIRA, José Geraldo. *A túnica e os dados*. São Paulo: Martins, 1963.

VIEIRA, José Geraldo. *Carta a minha filha em prantos*. São Paulo: Martins, 1964.

VIEIRA, José Geraldo. *Paralelo 16: Brasília*. São Paulo: Martins, 1966.

VIEIRA, José Geraldo. *Território humano*. São Paulo: Martins, 1972.

VIEIRA, José Geraldo. *A mais que branca*. São Paulo: Melhoramentos, 1974.

VIEIRA, José Geraldo. *A mulher que fugiu de Sodoma*. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira⁴⁴

1. Introdução

Sertão é uma categoria espacial sem limites, sem bordas. Não há uma especificidade física que determine suas fronteiras. Em relatos de viagem e em outros documentos instrumentais para a colonização, a palavra *sertão* geralmente é mobilizada para definir o interior de um lugar, mas sem uma exatidão que determine seu começo e seu fim. Trata-se, então, de um espaço simbólico utilizado para representar uma realidade geográfica, mas que carece de delimitações materiais.⁴⁵

Nos dicionários, especialmente ao longo da primeira metade do século XIX, o termo é frequentemente definido como o interior das terras, distante ou oposto ao litoral. Como nos dualismos forte/fraco e claro/escuro, as acepções de *sertão* são inicialmente construídas em

⁴⁴ Graduando em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e bolsista de iniciação científica pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), vinculado ao projeto “A gramatização no Brasil: obras de referência: 1808-1930”, sob orientação de Laura do Carmo. Email para contato: jvconstantino2003@gmail.com.

⁴⁵ Cf.: AMADO, Janaína. Região, Sertão e Nação. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 145-152, 1995; LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2013; MORAES, Antonio Carlos Robert. O Sertão. Um “outro” geográfico. Terra Brasilis (Nova Série). *Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, [s. l.], n. 4-5, 2003. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/341>. Acesso em: 15 jan 2024.

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatrix Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

oposição a outro objeto – o litoral –, como uma face invertida que se afirma na ausência, no contraste ou na distância. Por isso, a palavra *sertão* impõe um desafio: como definir afirmativamente algo que se representa pela negação?

A palavra *sertanejo*, que deriva de *sertão* – e curiosamente não é definida em oposição a “litorâneo” –, recebe sentidos que informam sobre sua matriz. Por isso, tomarei o conceito de *sertão* como objeto norteador para as acepções de *sertão* e *sertanejo*. As transformações semânticas vistas nos dicionários ao longo do século XIX e no início do século XX sugerem que a dicionarização dessas palavras foi foco de um lento e gradual processo de atribuição de novos sentidos, sobretudo pejorativos.

Apesar de ser um tema já muito desenvolvido pela historiografia linguística e literária, o conceito de *sertão* ainda é pouco trabalhado a partir do escopo lexicográfico. Grande parte das pesquisas de referência recorrem aos dicionários como fontes auxiliares para analisar um *corpus* literário e/ou científico, mas poucas trabalham a obra lexicográfica como fonte principal.

A pertinência do dicionário como fonte está em sua função social e pedagógica: é uma obra de autoridade que registra e legitima o uso da língua, produzindo um modelo de referência para usos futuros. Por isso, a produção lexicográfica é marcada pelo princípio da circularidade: o público consulta o dicionário para compreender ou embasar o uso de uma palavra e assim produz um novo *corpus* textual que será retomado em

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

dicionários posteriores. Esse processo é feito sob uma pretensa neutralidade, na qual as palavras seriam apenas descritas e registradas tal como aparecem na língua.⁴⁶

No entanto, submetendo o dicionário à reflexão da análise discursiva, é possível identificar certas marcas ideológicas que sua voz de autoridade dissimula.⁴⁷ Seguindo o pensamento foucaultiano, o discurso é uma prática social imbuída de relações de poder que produz efeitos de verdade, ou seja, não somente reflete o objeto de que fala, mas também o constitui em certa medida.⁴⁸

Assim, ao agregar diferentes discursos sob a falsa transparência do léxico, o dicionário seleciona, formula e valida certos sentidos em sua forma estática de enunciação, produzindo um efeito de transparência que mascara as posições ideológicas de seus ditos e não ditos.⁴⁹ É o caso, por exemplo, da seleção de sinônimos e exemplos de uso. Por isso, o dicionário não somente registra e descreve o vocábulo, como o constrói em consonância com outros discursos.

⁴⁶ FERNANDES, Sílvia Oliveira da Rosa. *Vozes na colônia: um estudo discursivo do dicionário geral de língua*. 2012. 284 p. Tese (Doutorado em Letras-Língua Portuguesa) – Instituto de Letras. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

⁴⁷ ORLANDI, Eni Pulcinelli. Lexicografia discursiva. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 44, p. 97-114, 2000.

⁴⁸ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007; FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

⁴⁹ ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 2015.

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

No limite, se é pela língua que se cria a realidade,⁵⁰ o dicionário é um dos componentes discursivos que molda e institui os sentidos de um objeto.

Neste artigo, o dicionário será tomado como uma forma discursiva que, ligada a uma formação ideológica, determina o que pode e deve ser dito.⁵¹ Desse modo, proponho uma análise diacrônica dos verbetes *sertão* e *sertanejo* para investigar como as acepções de teor negativo são lentamente incorporadas à dicionarização dessas palavras, cristalizando um determinado efeito de verdade sobre elas.

Associando esta análise às pesquisas historiográficas sobre a representação do sertão na história do Brasil, seguirei a vertente que afirma que esse conceito se opõe mais à ideia de região colonial que de litoral.⁵² Assim, busco delimitar os traços de colonialidade que operam os dualismos civilização/barbárie, eu/outro, sujeito/objeto⁵³ no discurso dos verbetes.

O recorte temporal destacado para esta análise – 1712 a 1913 – compreende a publicação do primeiro dicionário monolíngue de língua portuguesa até o mais contemporâneo da coleção de Rui Barbosa, que reúne 35 obras. Destas, selecionei as oito que apresentaram

⁵⁰ PEREIRA, Soraia Farias Reolon. *A referenciação e o mundo de nossos discursos: do sintagma nominal à construção das cadeias referenciais do texto escrito*. 2013. 198 f. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Inglesa; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Língua Portuguesa; Ling) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

⁵¹ PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

⁵² SILVA, Kalina Vanderlei. *O sertão na obra de dois cronistas coloniais: a construção de uma imagem barroca (séculos XVI-XVII)*. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 43-63, 2006.

⁵³ QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad-racionalidad. In: BONILLO, Heraclio (Comp.). *Los conquistados*. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992, p. 437-449.

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

alguma alteração significativa, já que muitos verbetes permanecem iguais em diferentes edições. Para complementar certas lacunas deixadas pela primeira seleção, incluí dois títulos da biblioteca São Clemente⁵⁴ e uma obra disponível na biblioteca digital HathiTrust.

Ao todo, o conjunto desta análise é formado por 11 dicionários que seguem o critério da descontinuidade na redação dos verbetes. São eles: *Vocabulario portuguez, e latino*, de Rafael Bluteau (1712-1728); *Diccionario da lingua portugueza*, de Antonio de Moraes Silva (1813); outra edição do *Diccionario da lingua portugueza*, de Moraes Silva (1831); *Grande diccionario portuguez ou Thesouro da língua portugueza*, de Frei Domingos Vieira (1871-1874); mais uma edição do *Diccionario da lingua portugueza*, de Moraes Silva (1877-1878); *Diccionario prosodico de Portugal e Brazil*, de Antonio José de Carvalho e João de Deus (1878); *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*, de Caldas Aulete (1881); outra edição do *Diccionario prosodico de Portugal e Brazil*, de José de Carvalho e João de Deus (1895); *Nôvo diccionário da língua portuguesa*, de Cândido de Figueiredo (1899); outra edição do *Novo diccionário da língua portuguesa*, de Cândido de Figueiredo (1913).

Para facilitar a visualização das obras e dos verbetes analisados, organizei as principais informações numa tabela (ver anexo). Considerando a extensão do texto e a simplificação da leitura, suprii alguns elementos que não foram submetidos à análise, por exemplo: classes gramaticais, acepções que se repetem, etc. Para referenciar o modelo contemporâneo

⁵⁴ A FCRB possui duas bibliotecas: a Rui Barbosa, que contém os livros que pertenceram ao patrono; e a São Clemente, que contém os livros adquiridos ou doados à instituição.

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatrix Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

dos verbetes *sertão* e *sertanejo*, acrecentei o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, de Antônio Houaiss,⁵⁵ cujos sentidos atuais despertam a reflexão sobre sua historicidade.

A maior parte desse corpo documental integra a coleção que está sendo construída pelo projeto de pesquisa “A gramatização no Brasil: obras de referência: 1808-1930”, sob orientação da Laura do Carmo e com a participação de mais quatro bolsistas. O objetivo do projeto é localizar, relacionar e estudar dicionários monolíngues de língua portuguesa, dicionários bilíngues de português e línguas de origem africana e dicionários bilíngues de português e línguas indígenas brasileiras, publicados entre 1808 e 1930, a fim de estabelecer uma coleção de obras de referência. A princípio, o foco é no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) e da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), mas pode se estender a outros acervos, catálogos e repositórios digitais.

Em meio ao plano de trabalho, os bolsistas do projeto desenvolveram estudos autorais com diferentes abordagens sobre o mesmo escopo. As reflexões aqui colocadas são indícios do potencial da obra lexicográfica como fonte histórica e da importância de se constituir uma coleção que facilite o acesso de pesquisadores de metalexicografia ao objeto de estudo.

⁵⁵ HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

2. Dicionarização de *sertão* e *sertanejo*

2.1 Bluteau e Moraes

Na dicionarização do século XXI, *sertão* é dotado de vegetação, clima e cultura próprios, associando-se inclusive a uma atividade econômica específica:

1 região agreste, afastada dos núcleos urbanos e das terras cultivadas 2 terreno coberto de mato, afastado do litoral 3 a terra e a povoação do interior; o interior do país 4 B toda região pouco povoada do interior, em especial, a zona mais seca que a caatinga, ligada ao ciclo do gado e onde permanecem tradições e costumes antigos.⁵⁶

No mesmo dicionário, *sertanejo* é “relativo ao, originário ou próprio do sertão”, mas também “não cultivado; rude, rústico”, “em especial, os de pouca instrução e de convívio e hábitos rústicos; caipira”.⁵⁷ A um só tempo, esses verbetes tentam circunscrever o sertão em um território localizável no mapa – sobretudo associando-o ao sertão nordestino – e atribuem aos seus habitantes características socioculturais pejorativas.

Contudo, as primeiras dicionarizações dessas palavras possuem acepções muito mais amplas e imprecisas, como é o caso do *Vocabulario portuguez, e latino*, de Rafael Bluteau. Nele, *sertão* é a “região, apartada do mar, & por todas as partes metida entre terras”,

⁵⁶ *Ibid.* p. 1737.

⁵⁷ HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 1736

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

sendo referido com quatro menções à calma, como “o lugar, em que faz maior calma”; e *sertanejo* é somente “cousa do sertão”.⁵⁸

Um século depois, na segunda edição do dicionário de Antonio de Moraes Silva, que era natural do Rio de Janeiro, *sertanejo* deixa de ser somente adjetivo para coisa e passa a adjetivar também o indivíduo: “que vive no sertão”, “que se produz no sertão”, o que pressupõe a existência de uma atividade produtiva no espaço; e em *sertão* há como exemplos de uso “cidade do sertão; mercadores do sertão”.⁵⁹ Apesar de ainda mencionar a calma, o sertão é representado em Moraes primeiramente como um espaço de vida e atividade.

Já a quarta edição do seu dicionário, de 1831, que foi a última a conter colaborações do autor e que possui uma adição considerável de vocábulos e alusões ao Brasil,⁶⁰ coincidentemente ou não, traz como exemplo de uso para *sertanejo* a expressão “costume dos sertanejos”.⁶¹ Essa expressão implica a formação de uma cultura própria aos habitantes do sertão.

⁵⁸ BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario portuguez, e latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus; Lisboa: Officina de Pascoal da Silva, 1712-1728. 8 v.; 2 Suplementos. p. 613.

⁵⁹ SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*: recompilado dos vocabularios impressos até agora, e nesta segunda ed. novamente emendados e muito accrescentado... Lisboa: Typ. Lacerdina, 1813. 2 v. p. 693.

⁶⁰ CARMO, Laura do. *O léxico do Brasil em dicionários de língua portuguesa do século XIX*. 2015. 239 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pós-graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

⁶¹ SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. 4. ed. ref., emendada, e muito acrescentada. Lisboa: Impressão Régia, 1831. 2 v. Disponível em: <https://catalog.hathitrust.org/Record/008395631>. Acesso em: 16 mar. 2023. p. 719.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

2.1. Abonações em Domingos Vieira

Abonação é a forma de atestar o emprego de um vocábulo por meio de documentos em que a palavra aparece. No *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Língua Portuguez*, publicado entre 1871 e 1874 por Domingos Vieira, o que há de mais valioso está na escolha das abonações que compõem o verbete *sertão*. Nesse caso, as obras abonadas são os livros de viagem de João de Barros e Fernão Mendes Pinto, que escreveram sobre as expedições dos colonizadores portugueses na África e na Ásia.

Primeiro: “dahi a pouco, em que a ida destes espertou os de dentro do sertão, ou como quer que foi, veyo huma grande cäfila de gente a pê toda preta e de cabello retorcido, com muito ouro e marfim a buscar roupas para seu uso”.⁶² Aqui se tem um marcador racial, que determina a alteridade dos que vêm do sertão em oposição aos europeus que os representam.

Como Janaína Amado⁶³ e Antonio Carlos Moraes⁶⁴ argumentam, o sertão constituiria o espaço do outro, uma figura do imaginário colonizador que qualifica um potencial espaço de expansão com signos de alteridade, como a face invertida do Eu. Não por acaso, as abonações

⁶² VIEIRA, Frei Domingos. *Grande diccionario portuguez ou Thesouro da língua portugueza*. Porto: Casa dos Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes 1871-1874. 5 v. p. 505.

⁶³ AMADO, Janaína. Região, Sertão e Nação. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 145-152, 1995.

⁶⁴ MORAES, Antonio Carlos Robert. O Sertão. Um “outro” geográfico. *Terra Brasilis (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, [s. l.], n. 4-5, 2003. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/341>. Acesso em: 15 jan 2024.

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo
com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções
de *sertão* e *sertanejo* em dicionários
publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

escolhidas por Vieira para representar o sertão são justamente as que narram o contato da Europa com outros continentes.

Tratando especificamente da história brasileira, Janaína Amado também aponta o sertão como o lugar de acolhimento para os marginalizados e perseguidos pela sociedade colonial. Por ser principalmente um território desconhecido (a depender do ponto de vista), o sertão também figura nas abonações como um destino de fuga: “Finalmente chegou o negocio a tanto, que Sargol fugio para dentro do sertão da terra da Arabia”.⁶⁵

Se, nesse caso, o sertão representaria uma possibilidade de amparo, em outra abonação ele aparece como cenário de conflito: “o Hildacão com suas occupações da guerra que tinha no sertão não acudia a ellas”.⁶⁶ Por fim, na penúltima abonação do verbete, o sertão é representado como utopia: “a terra [...] no interior do sertão he mais plana, e fertil, e viçosa de muitos campos regados de rios dagoa doce com infinidade de mantimentos, principalmente de trigo e arroz”.⁶⁷

Apesar da multiplicidade de imagens que essas abonações evocam, seja do sertão como paraíso, cenário de guerra ou destino de fuga, existe um denominador comum a todas elas: o eixo referencial é sempre externo. Positiva ou negativamente, uma constante chave

⁶⁵ *Ibid.*

⁶⁶ *Ibid.*

⁶⁷ *Ibid.*

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

de representação é o sertão em estado de exceção, visto fora da experiência cotidiana (Moraes, 2003).

2.2. Polissemia das terras cultas

No dicionário de José de Carvalho e João de Deus, de 1878, *sertão* é “o interior das terras cultas ou selvagens afastadas da costa”.⁶⁸ Já na obra de Caldas Aulete, de 1881, *sertão* é “o ponto ou sitio mais afastado dos terrenos cultos; matto longe da costa”.⁶⁹ Nos dois casos, *culto* tem o sentido de ilustrado, aquele que tem cultura, que é civilizado.

Em outra edição do dicionário de José de Carvalho e João de Deus, de 1895, “rústico” aparece como sinônimo de *sertanejo*.⁷⁰ Então, se desde a edição de 1831 do dicionário de Moraes já havia a sugestão de “costumes dos sertanejos”,⁷¹ aqui eles ganham um nítido contorno negativo.

⁶⁸ CARVALHO, Antonio José de; DEUS, João de. *Diccionario prosodico de Portugal e Brazil*. Lisboa: Pacheco & Barbosa, 1878. p. 660.

⁶⁹ AULETE, Caldas. *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*: feito sobre um plano inteiramente novo. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881. 2 v. p. 1641.

⁷⁰ CARVALHO, Antonio José de; DEUS, João de. *Diccionario prosodico de Portugal e Brazil*. 7. ed. Porto: Lopes, 1895. p. 824.

⁷¹ SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. 4. ed. ref., emendada, e muito acrescentada. Lisboa: Impressão Régia, 1831. 2 v. Disponível em: <https://catalog.hathitrust.org/Record/008395631>. Acesso em: 16 mar. 2023. p. 719.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

Por fim, no dicionário de Cândido de Figueiredo, de 1899, *sertão* é definido afirmativamente como “logar inculto, distante de povoações ou de terrenos cultivados”.⁷² Nesse caso, *cultivado* pode ser tanto sinônimo de *culto* – aquele que tem cultura – como o terreno onde se *cultivou* um gênero agrícola. Essa dicionarização opera com a polissemia, induzindo o consulente a se informar sobre o sentido pejorativo de *sertão* ao mesmo tempo que deixa em aberto a ambiguidade de uma acepção mais “neutra”.

2.3. A entrada de *sertanista*

Na edição de 1913 do dicionário de Cândido de Figueiredo – a mais contemporânea entre as obras consultadas – há a entrada do brasileirismo *sertanista*, que seria “aquele que conhece ou frequenta o sertão”.⁷³ Na obra, o verbete está sinalizado com um asterisco (*), que indica, equivocadamente, que aquela foi a primeira vez que a palavra fora dicionarizada.

Segundo Houaiss,⁷⁴ a primeira dicionarização do termo *sertanista* está na sétima edição do dicionário de Moraes, de 1877, que o define como “chefe de bandeira”. Aqui, é interessante notar que o mesmo vocábulo que caracteriza quem conhece o sertão é igualmente

⁷² FIGUEIREDO, Cândido de. *Nôvo diccionário da língua portuguesa*. Lisboa: Livraria Editôra Tavares Cardoso & Irmão, 1899. p. 528.

⁷³ FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa: redigido em harmonia com os modernos princípios da sciéncia da linguagem*. Lisboa: A. M. Teixeira, 1913. 2 v. p. 642.

⁷⁴ HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatrix Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

descrito pela figura do bandeirante, considerada por Lúcia Lippi Oliveira⁷⁵ o expoente da principal experiência de fronteira da história do Brasil. A justaposição dos dois verbetes sugere que o conhecimento do sertão é mediado principalmente pelo viés da exploração, com um forte projeto de conquista e integração nacional.

3. Considerações finais

Em síntese, as acepções de *sertão* são inicialmente construídas pela oposição a outro objeto – o litoral –, como o polo negativo de um espaço já conhecido, dominado e ultrapassado, pela perspectiva do colonizador. Apesar de referido como interior das terras, nos dicionários o sertão parece figurar um espaço que está sempre à margem, como algo além do centro imperial ou republicano. Trata-se, portanto, de um espaço simbólico em constante mobilidade, sempre qualificado em relação a um processo expansionista de cunho colonizador, cuja fronteira se distancia na medida em que o território é conhecido e conquistado.⁷⁶

⁷⁵ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, v. 5, p. 195-215, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59701998000400011>. Acesso em: 24 jan. 2024.

⁷⁶ AMADO, Janaína. Região, Sertão e Nação. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 145-152, 1995; LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2013; MORAES, Antonio Carlos Robert. O Sertão. Um “outro” geográfico. Terra Brasilis (Nova Série). *Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, [s. l.], n. 4-5, 2003. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/341>. Acesso em: 15 jan 2024; VAINFAS, Ronaldo. O sertão e os sertões na história luso-brasileira. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, Coimbra, n. 19, p. 225-245, 2019.

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

Ao longo do século XIX, o lento e sutil processo de atualização dicionarística incorporou contornos pejorativos principalmente às acepções de *sertanejo*, um dado possivelmente motivado pela crescente difusão dos relatos de viagem ao interior e da produção literária romântica e naturalista.⁷⁷ Na medida em que se conhece e representa o sertão, a figura do sertanejo aparece como um ente telúrico, um desdobramento natural da terra.⁷⁸ Assim, se o sertão é tido como “logar inculto”, o sertanejo é naturalmente “rude”.⁷⁹

Implicitamente, os vocábulos *sertão* e *sertanejo* incorporam o dualismo civilização/barbárie e são representados pelo devir, pela possibilidade de virem a ser cultivados e submetidos à missão civilizatória. Se o *sertão* está distante de “terrenos cultivados”⁸⁰ e *sertanejo* é sinônimo de “rústico”,⁸¹ cabe ao *sertanista* conhecer e cultivar aquele espaço e seus habitantes.

Esses novos sentidos negativos para os vocábulos já se desenhavam, no mínimo, desde a segunda metade do século XIX, mas pelo menos até 1913 não são registradas

⁷⁷ LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2013; MARTINS, Eduardo Vieira. Os lugares e o nome (a configuração do espaço sertanejo no romantismo). *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, [s. l.], v. 18, n. 22, p. 115-132., 1998.

⁷⁸ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo”*. Uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

⁷⁹ FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa: redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem*. Lisboa: A. M. Teixeira, 1913. 2 v. p. 528.

⁸⁰ FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa: redigido em harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem*. Lisboa: A. M. Teixeira, 1913. 2 v. p. 528. p. 642.

⁸¹ CARVALHO, Antonio José de; DEUS, João de. *Diccionario prosodico de Portugal e Brazil*. 7. ed. Porto: Lopes, 1895.

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalhos Premiados na 18^a Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em
Petrópolis/RJ: uma análise sobre
influências artísticas e políticas na
arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo
com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções
de *sertão* e *sertanejo* em dicionários
publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

acepções que identificariam o sertão como “região agreste” ou “zona mais seca que a caatinga”.⁸² Isso porque a associação direta do sertão com o espaço nordestino só seria consolidada no decorrer do século XX, sobretudo a partir da década de 1930, com a crescente difusão do discurso regionalista nordestino.⁸³

Em suma, enquanto forma legitimadora da própria língua, a obra lexicográfica é mais uma voz discursiva que se une a outras preexistentes, como o interdiscurso da literatura romântica, dos relatos de viagem, etc. Por seu caráter excepcional de obra de autoridade, o dicionário valida e ao mesmo tempo constrói uma ideia de *sertão* e *sertanejo* marcada por paradigmas civilizatórios. Nos dicionários publicados até 1913, ambos são colocados em posição inferior em relação ao leitor, destacando o olhar de um sujeito que é sempre externo a um objeto estranho.

Referências

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2021.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo”*. Uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

⁸² HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 1737.

⁸³ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2021; ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. O rapto do sertão: a captura do conceito de sertão pelo discurso regionalista nordestino. *Revista Observatório Itaú Cultural*, São Paulo, v. 1, n. 25, p. 21-35, 2019; PATRICK, Elder. O sertão nordestino como um monopólio de sentido. *Revista Observatório Itaú Cultural*, São Paulo, v. 1, n. 25, p. 67-87, 2019.

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. O rapto do sertão: a captura do conceito de sertão pelo discurso regionalista nordestino. *Revista Observatório Itaú Cultural*, São Paulo, v. 1, n. 25, p. 21-35, 2019.

AMADO, Janaína. Região, Sertão e Nação. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 145-152, 1995.

AULETE, Caldas. *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*: feito sobre um plano inteiramente novo. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881. 2 v.

BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario portuguez, e latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus; Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728. 8 v.; 2 Suplementos.

CARMO, Laura do. *O léxico do Brasil em dicionários de língua portuguesa do século XIX*. 2015. 239 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pós-graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CARVALHO, Antonio José de; DEUS, João de. *Diccionario prosodico de Portugal e Brazil*. 7. ed. Porto: Lopes, 1895.

CARVALHO, Antonio José de; DEUS, João de. *Diccionario prosodico de Portugal e Brazil*. Lisboa: Pacheco & Barbosa, 1878.

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

FERNANDES, Sílvia Oliveira da Rosa. *Vozes na colônia: um estudo discursivo do dicionário geral de língua*. 2012. 284 p. Tese (Doutorado em Letras-Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Nôvo diccionário da língua portuguesa*. Lisboa: Livraria Editôra Tavares Cardoso & Irmão, 1899.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa: redigido em harmonia com os modernos princípios da sciêncie da linguagem*. Lisboa: A. M. Teixeira, 1913. 2 v.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

HOUAIS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

MARTINS, Eduardo Vieira. Os lugares e o nome (a configuração do espaço sertanejo no romantismo). *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, [s. l.], v. 18, n. 22, p. 115-132., 1998.

MORAES, Antonio Carlos Robert. O Sertão. Um “outro” geográfico. *Terra Brasilis (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, [s. l.], n. 4-5, 2003. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/341>. Acesso em: 15 jan 2024.

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, v. 5, p. 195-215, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59701998000400011>. Acesso em: 24 jan. 2024.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Lexicografia discursiva. *ALFA: Revista de Linguística*, [s. l.], v. 44, p. 97-114, 2000.

PATRICK, Elder. O sertão nordestino como um monopólio de sentido. *Revista Observatório Itaú Cultural*, São Paulo, v. 1, n. 25, p. 67-87, 2019.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PEREIRA, Soraia Farias Reolon. *A referenciação e o mundo de nossos discursos: do sintagma nominal à construção das cadeias referenciais do texto escrito*. 2013. 198 f. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Inglesa; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Língua Portuguesa; Ling) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidad y Modernidad-racionalidad”. In: BONILLO, Heracio (comp.). *Los conquistados*. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992. p. 437-449.

Sumário

Apresentação As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza: recompilado dos vocabularios impressos até agora, e nesta segunda ed. novamente emendados e muito accrescentado...* Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. 2 v.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. 4. ed. ref., emendada, e muito acrescentada. Lisboa: Impressão Régia, 1831. 2 v. Disponível em: <https://catalog.hathitrust.org/Record/008395631>. Acesso em: 16 mar. 2023.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. 7. ed. melhorada e muito acrescentada. Lisboa: Typ. de Joaquim Germano de Souza Neves, 1877-1878. 2 v. Disponível em: <http://www.docvirt.com/doctreader.net/BibObPub/12083>. Acesso em: 16 mar. 2023.

SILVA, Kalina Vanderlei. O sertão na obra de dois cronistas coloniais: a construção de uma imagem barroca (séculos XVI-XVII). *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 43-63, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. O sertão e os sertões na história luso-brasileira. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, Coimbra, n. 19, p. 225-245, 2019.

VIEIRA, Frei Domingos. *Grande diccionario portuguez ou Thesouro da língua portugueza*. Porto: Casa dos Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes 1871-1874. 5 v.

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em
Petrópolis/RJ: uma análise sobre
influências artísticas e políticas na
arquitetura do século XIX

Beatrix Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo
com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções
de *sertão* e *sertanejo* em dicionários
publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

Anexo

Data	Autor	Verbete <i>Sertanejo</i>	Verbete <i>Sertão</i>	Outros verbetes
1712-1728	Rafael Bluteau	“Cousa do sertão. <i>Mediterraneus, a, um.</i> <i>Cic. Vid.</i> Sertão. (Já de herva rasteyra, já de arvore erguida, já <i>Sertaneja</i> , já maritima. <i>Vasconcel. Notic. do Brasil</i> , pag.250.”	“Região, apartada do mar, & por toda parte metida entre terras.” “O Sertão da calma. O lugar, em que faz maior calma.”	
1813	Antonio de Moraes Silva	“Que vive no sertão, ou matos interiores, e longes da costa; que se produz no sertão [...]”	“O interior, o coração das terras, oppõe-se ao <i>maritimo</i> , e <i>costa</i> ; v. g. <i>Cidade do sertão</i> ; <i>mercadores do sertão</i> [...]”=	
1831	Antonio de Moraes Silva	“Que vive no sertão, ou matos interiores; e longes da costa. §. Que se produz no sertão. <i>Vasconc. Notic. hera sertaneja' cacu -, besta -, costume dos sertanejos.</i> ”		

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 18^a Jornada

Sumário

Apresentação

As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo com a sociedade

Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB

Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções de *sertão* e *sertanejo* em dicionários publicados entre 1712 e 1913

João Victor Constantino Siqueira

1871-1874	Domingos Vieira		<p>“— Dahi a pouco, em que a ida destes espertou os de dentro do sertão, ou como quer que foi, vejo huma grande cáfila de gente a pé toda preta e de cabello retorcido, com muito ouro e marfim a buscar roupas para seu uso.” Barros, Decada 1, liv. 2, cap. 2. — Finalmente chegou o negocio a tanto, que Sargol fugio para dentro do sertão da terra da Arabia [...]”</p> <p>“[...] Melrao andava com gente de guerra nas terras firmes, e que não havia nellas Mouros de que temer a entrada da Ilha, depois que Melique Agrij perdeo estas terras firmes, e o Hildacão com suas occupações da guerra que tinha no sertão não acudia a ellas.”</p> <p>Ibidem, liv. 6, cap. 8. [...]”</p> <p>“Fernão Mendes Pinto, Peregrinações, cap: 95. — “A terra em sy he quasi do teor do Japão, algum tanto em partes montanhosa, mas no interior do sertão he mais plana, e fertil, e viçosa de muitos campos regados de rios dagoa doce com infinidade de mantimentos, principalmente de trigo e arroz.”</p> <p>Ibidem, cap. 143. [...]”</p>	
1877	Antonio Moraes Silva			“*Sertanista, s. m. t. do Brasil; Chefe de bandeira.”

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 18^a Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em
Petrópolis/RJ: uma análise sobre
influências artísticas e políticas na
arquitetura do século XIX
Beatriz Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo
com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções
de *sertão* e *sertanejo* em dicionários
publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

1878	Antonio José de Carvalho e João de Deus		“o interior das terras cultas ou selvagens afastadas da costa”	“ Cúlto , <i>sm.</i> adoração religiosa: cultura. —, A <i>adj.</i> cultivado; civilizado; pulido (discurso, etc.)”
1881	Caldas Aulete		“o ponto ou sitio mais afastado dos terrenos cultos; matto longe da costa [...]”	“ Culto <i>adj.</i> cultivado; esmerado; civilizado; ilustrado: <i>Estylo culto</i> . <i>Gente culta</i> . <i>Nações cultas</i> .”
1895	Antonio José de Carvalho e João de Deus	“que vive no sertão; sito no sertão: <i>s. m. rustico</i> .”		“ Rústico : tosco, grosseiro; camponez; descorteze, incivil.”
1899	Cândido de Figueiredo	“relativo ao <i>sertão</i> ; que vive no sertão; silvestre; rude; <i>m.</i> indivíduo sertanejo”	“logar inculto, distante de povoações <i>ou</i> de terrenos cultivados; floresta, no interior de um continente ou longe da costa.”	

CADERNOS DE
**INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**
Trabalhos Premiados na 18^a Jornada

Sumário

Apresentação
As organizadoras

O palácio da princesa Isabel em Petrópolis/RJ: uma análise sobre influências artísticas e políticas na arquitetura do século XIX

Beatrix Ferreira Ponte

Pesquisa de público e o diálogo
com a sociedade
Iasmin Ferraz de Farias

Divulgação em culturas – AMLB
Joana Sousa Lira

Definir o indefinível: as acepções
de *sertão* e *sertanejo* em dicionários
publicados entre 1712 e 1913
João Victor Constantino Siqueira

1913	Cândido de Figueiredo		“logar inculto, distante de povoações ou de terrenos cultivados; floresta, no interior de um continente ou longe da costa.”	“* Sertanista , m. Bras. Aquele que conhece ou frequenta o sertão.”
2009	Antônio Houaiss	“1 relativo ao, originário ou próprio do sertão [...] 3 não cultivado; rude, rústico [...] 5 que ou aquele que vive nas aleias, no campo, nas regiões interiores, em especial, os de pouca instrução e de convívio e hábitos rústicos; caipira [...]”	“1 região agreste, afastada dos núcleos urbanos e das terras cultivadas [...] 4 B toda região pouco povoada do interior, em especial, a zona mais seca que a caatinga, ligada ao ciclo do gado e onde permanecem tradições e costumes antigos. [...]”	

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

 **CNPq**